



Instituto Politécnico de Lisboa

Escola Superior de Música de
Lisboa

IMPACTO MOTIVACIONAL RESULTANTE DA UTILIZAÇÃO DO INSTRUMENTO NA AULA DE INICIAÇÃO MUSICAL

Marta Ferreira Costa

Mestrado em Música

Junho de 2012

Professor Orientador: Francisco Cardoso

Agradecimentos

Para a realização desta dissertação foi essencial a amizade e o apoio de muitas pessoas, que contribuíram para todo o processo de investigação e escrita. A todas elas muito obrigado, em especial à Catarina Sousa.

Ao Professor Francisco Cardoso, orientador desta dissertação, agradeço a disponibilidade, trabalho e apoio concedido durante a realização da mesma.

Agradeço aos alunos, pais e professores que tornaram possível esta investigação, bem como à direção da Academia de Música de Almada a disponibilidade e colaboração prestada.

Muito obrigado aos meus pais e irmãos, pelos ensinamentos e apoio incondicional e ao João Duarte pela paciência e apoio constante, fundamentais para o meu equilíbrio e motivação durante todo o processo de realização desta dissertação.

Resumo

Este projeto de investigação teve como objetivo perceber qual o impacto que a utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical teria no nível de motivação dos alunos. Por forma a estudar este fenómeno, foram comparadas as respostas de um grupo de alunos antes e depois de um período experimental de 10 aulas de Iniciação Musical, onde os alunos foram convidados a participar utilizando o seu instrumento. Os resultados indicam que houve um aumento significativo dos níveis de motivação dos alunos no final do período experimental. Esse aumento refletiu-se sobretudo na qualidade do seu desempenho ao longo das atividades realizadas nas aulas, em níveis mais elevados de atenção, na predisposição em aprender, numa perspetiva mais positiva que passaram a ter da *performance*, e no tipo de trabalho que passaram a fazer em casa. O projeto teve a participação de um número reduzido de alunos, o que, apesar de ser adequado para um estudo de natureza exploratória como era o caso, não permite no entanto que os resultados obtidos sejam amplamente generalizados. Apesar disso, os resultados permitem que se reflita sobre as possíveis vantagens da inclusão do instrumento que os alunos estão a aprender nas aulas de Formação Musical/Iniciação Musical, sobretudo na forma como pode modificar a perspetiva que os alunos têm relativamente a estas disciplinas e no impacto que pode ter para o seu desenvolvimento musical a médio prazo.

Palavras-chave

Motivação, Iniciação Musical, Instrumento, Aprendizagem Musical, Aprendizagem Instrumental

Abstract

This research project aimed to learn about the motivational impact of asking students to play their own musical instrument on ear training classes at the Junior School. A comparative analysis of interviews - conducted on students before and after the 10 week project – allowed to see changes, mainly in terms of: attitude towards learning in instrumental lessons, higher levels of attention in those lessons, positive feelings towards performance, and the kind of practice done at home. The research project had the participation of a small sample of students which, although adequate for an exploratory study, turned the findings impossible to be generalized. However, the findings obtained in this study allow teachers to reflect about the possible advantages of asking students to use their own musical instrument on ear training class at the Junior School and at more advanced levels, mainly in the way the inclusion of such activities may help modifying the way students look into these subjects in the first place, and also in the educational impact these activities may generate.

Keywords

Motivation, Ear Training, Junior School, Musical Learning, Instrumental Learning

Índice

1. Introdução	6
2. Revisão Bibliográfica	8
3. Metodologia	23
4. Resultados	37
5. Discussão	49
6. Conclusão	54
Bibliografia	55

1. Introdução

A evolução de um professor enquanto docente depende em larga escala de um processo estruturado de reflexão sobre o seu desempenho pedagógico e sobre os mecanismos de aprendizagem. A ideia para este projeto de investigação surgiu como resultado desse processo de reflexão. Por um lado, como professora de Iniciação Musical e Formação Musical, tinha observado já que os alunos ficavam particularmente entusiasmados sempre que incluía os instrumentos deles nas minhas aulas. Por outro lado, tinha já observado que nem sempre as competências desenvolvidas nas aulas de Iniciação/Formação Musical eram transferidas para prática instrumental dos alunos.

Portanto, pareceu-me ser interessante estudar o possível impacto que a utilização do instrumento nas aulas de Iniciação/Formação Musical poderia ter a curto/médio prazo: primeiro, na relação dos alunos com o instrumento; segundo, na aproximação das competências desenvolvidas nas aulas de Iniciação/Formação Musical das adquiridas e desenvolvidas nas aulas de instrumento; e por último, no desenvolvimento de níveis elevados de motivação para aprender música/instrumento, nomeadamente de motivação intrínseca.

Neste sentido foi elaborado para esta dissertação um projeto de investigação que incluiu um grupo de alunos de Iniciação Musical, distribuídos por dois níveis. Ao longo do período de 10 aulas os alunos foram convidados a levar o instrumento respetivo para a aula de Iniciação Musical, uma vez por semana, realizando com os instrumentos tarefas que eram habitualmente feitas com auxílio da voz e com percussão corporal. Os dados para análise do impacto deste projeto foram recolhidos através de entrevistas aos alunos e aos respetivos professores de instrumento.

A estrutura desta dissertação inclui 4 capítulos centrais. No capítulo 2 será apresentada a bibliografia necessária para contextualizar do ponto de vista teórico este projeto de investigação. No capítulo 3 será apresentada a metodologia adotada no projeto de investigação, o que inclui a escolha do método, preparação, execução e recolha e análise dos dados. No capítulo 4 serão apresentados os resultados relativamente ao estudo efetuado. Por fim, no

capítulo 5 será apresentada uma reflexão sobre os resultados obtidos, tendo em conta a bibliografia apresentada e as possíveis implicações para a aprendizagem. No mesmo capítulo serão ainda incluídas considerações sobre a validade e impacto deste projeto.

2. Revisão Bibliográfica

Neste capítulo são apresentados os aspetos teóricos relacionados com a temática desta dissertação, tendo como ponto de partida bibliografia referente a esta área. Esta análise permitirá enquadrar teoricamente o tema de investigação.

Inicialmente são referidos aspetos fundamentais relacionados com a motivação e aprendizagem musical, nomeadamente algumas das principais teorias da motivação enquadradas no contexto da aprendizagem musical e ainda o impacto da motivação na aprendizagem musical e instrumental. Na segunda secção vão ser apresentada questões sobre perceção e cognição, na aprendizagem musical, competências musicais e relação entre a Formação/Iniciação Musical e o Instrumento.

2.1 Motivação e Aprendizagem Musical

A motivação, com origem no latim *movere* (mover), diz respeito à condição do comportamento humano que leva a determinada ação, ou seja, o impulso interno que orienta a direção do nosso comportamento. Este conceito, que abrange hoje muitas áreas de investigação, foi primeiro debatido no âmbito da Filosofia, por autores como Aristóteles, Platão e Sócrates (Vogt, 2009, pp. 1-7). A motivação “é o que possibilita ao indivíduo mover-se à procura de algo” e visto que influencia as escolhas que os alunos fazem e o esforço que imprimem na busca de bons resultados, faz sentido que seja estudada também ao nível da aprendizagem (Cavedal, 2005, p. 37).

Visto ser um tema tão abrangente, não se pretende aqui fazer uma análise exaustiva de todos os estudos feitos no âmbito da motivação na aprendizagem, mas apresentar apenas a bibliografia essencial para contextualizar a investigação. Alguns dos muitos modelos teóricos existentes permitem enquadrar de forma muito apelativa os problemas que surgem no contexto específico da aprendizagem musical.

2.1.1 Teorias da Motivação

As teorias apresentadas nesta secção foram seleccionadas tendo em conta o facto de serem frequentemente referidas na bibliografia em aprendizagem musical. Para além da descrição das características gerais do modelo teórico, é também descrito o efeito que a motivação pode exercer na aprendizagem musical.

Teoria da Auto-Eficácia – este modelo teórico tenta explicar os fenómenos motivacionais a partir da capacidade que as pessoas vêem em si mesmas para realizar determinadas tarefas. Essa perspetiva de si mesmas é adquirida e desenvolvida em função dos resultados obtidos em tarefas anteriores de natureza semelhante (Cavedal, 2005, p. 38; Hallam, 2002, p. 230; O'Neill & McPherson, 2002, pp. 34-35; Sichivitsa, 2007, p. 57). Assim, a existência de experiências passadas onde se alcançaram bons resultados em virtude do esforço investido numa tarefa ou atividade, contribui para que se atinjam níveis elevados de auto-eficácia. Por sua vez, níveis elevados de auto-eficácia influenciam as escolhas, o esforço e o comportamento adotado perante novos desafios e tarefas de natureza semelhante (O'Neill & McPherson, 2002, p. 34).

Teoria da Atribuição – este modelo teórico tenta explicar os fenómenos motivacionais analisando a forma como interpretamos as causas por detrás do nosso sucesso ou insucesso, quando refletimos sobre uma situação, de acordo com 3 dimensões causais (Cavedal, 2005, p. 38; Hallam, 2002, p. 230; O'Neill & McPherson, 2002, p. 36):

- internas/externas: se a justificação para o sucesso/insucesso tem a ver com o próprio indivíduo ou com outros fatores externos a ele;
- controláveis/incontroláveis: se o motivo que justifica o resultado final é controlável ou não;
- estáveis/instáveis: se o motivo que justifica o sucesso/insucesso pode alterar-se ou não.

Assim, de acordo com esta teoria, não será o resultado final obtido na realização de uma tarefa que influencia a motivação, mas sim os fatores encontrados para justificar esse resultado (O'Neill & McPherson, 2002, p. 36).

Teoria da Expectativa vs Valor - este modelo teórico tenta explicar os fenômenos motivacionais através do impacto que as expectativas e os componentes de valor (importância da tarefa para a pessoa) atribuídos a uma tarefa, têm no grau de persistência e nos resultados alcançados por um indivíduo (Sichivitsa, 2007, p. 57). De acordo com este modelo teórico, a articulação entre o tipo de expectativas formadas e o valor atribuído a uma determinada atividade vai influenciar a decisão relativamente a se se participa ou não na atividade, bem como o grau de envolvimento e a quantidade de esforço a investir (Hallam, 2002, pp. 231-232).

Teoria do Fluxo – este modelo teórico tenta explicar os fenômenos motivacionais como estando associados às sensações de satisfação e realização sentidas após uma experiência de fluxo. A experiência de fluxo é definida por Csikszentmihalyi (2008, p.4) como: “O estado no qual as pessoas estão tão envolvidas numa atividade/tarefa que nada mais parece importar; a experiência em si é tão agradável que as pessoas passam a desejar repeti-la a qualquer custo” (em Cardoso, 2010). Para esta experiência ocorrer é necessário existir um equilíbrio entre o nível de desafio da tarefa e a percepção de competência do indivíduo. Assim, segundo esta teoria, quando a tarefa em si é compensatória e propicia uma sensação de realização pessoal, o indivíduo fica motivado para realizar essa tarefa novamente (Cavedal, 2005, pp. 38-39).

Teorias do Auto-conceito de Inteligência – este modelo teórico tenta explicar os fenômenos motivacionais através do caráter fixo (teoria entitária) ou moldável (teoria incremental) que cada indivíduo atribui à sua inteligência (Cardoso, 2007, pp. 3-4). Segundo vários autores (citados por Sichivitsa, 2007, p. 57) a forma como as pessoas se vêem a si próprias (o seu auto-conceito), afeta os seus resultados, a satisfação com o processo de aprendizagem e a persistência. Assim, segundo estas teorias, as pessoas que acreditam ser possível mudar e aumentar a sua inteligência e aptidão com o tempo e experiência consideram o trabalho e esforço compensatórios e encaram novos desafios de forma positiva. Por outro lado, as pessoas que acreditam que a inteligência e aptidão são fixas e impossíveis de alterar, tendem a desistir

das tarefas a que se propõem quando têm que despende mais tempo e esforço do que esperavam, o que na sua perspectiva prova a falta de capacidade e de inteligência para atingir os objetivos de aprendizagem.

Resumo

De acordo com os vários modelos teóricos apresentados, a motivação para aprender é explicada de muitas formas diferentes. Na tabela 1 é possível observar como é que as diferentes teorias explicam os fatores motivacionais para a ação específica da realização de uma tarefa e ainda de que forma as atividades futuras são afetadas pela motivação, através da formação de expectativas.

	Esforço investido na(s) tarefa(s) e formação de expectativas
Teoria da auto-eficácia	Determinados pelo grau de sucesso/insucesso em experiências anteriores.
Teoria da atribuição	Determinados pela combinação causal usada para justificar o sucesso/insucesso em tarefas anteriores (internas/externas, controláveis/incontroláveis, estáveis/instáveis).
Teoria da expectativa vs valor	Determinados pela articulação das variáveis expectativa e componentes de valor (importância, interesse, utilidade, custo) relacionadas com a tarefa.
Teoria do fluxo	Determinados pela sensação de satisfação e realização pessoal sentidas durante a realização da tarefa.
Teorias do auto-conceito de inteligência	Determinados por uma perspetiva fixa ou moldável relativamente às capacidades pessoais para aprender e para superar dificuldades de aprendizagem

Tabela 1 – Teorias da Motivação: características principais

Portanto, como é possível observar na tabela 1, a motivação para aprender é explicada muitas vezes pela perceção de sucesso/insucesso associadas a uma ou várias tarefas, à perceção que os alunos têm sobre as suas capacidades, e à forma como encaram experiências anteriores.

2.1.2 Importância da Motivação para a Aprendizagem Musical

A motivação desempenha um papel muito importante na aquisição e desenvolvimento das competências dos alunos, no contexto específico da aprendizagem musical, contribuindo de forma decisiva para o sucesso na aprendizagem. Isto acontece porque aprender a tocar um instrumento implica a aquisição de muitas competências em paralelo e o investimento de muito tempo e energia ao longo de vários anos (Cardoso, 2007, pp. 8-9). A influência da motivação é observada sobretudo na forma como afeta as escolhas e decisões dos alunos relativamente ao esforço e energia que investem na realização de tarefas e na participação em atividades (Cavedal, 2005, p. 37; O'Neill & McPherson, 2002, p. 31; Schmidt, 2005, p. 144).

Por essa razão, de acordo com muitos autores só é possível aprender a tocar um instrumento quando os alunos desenvolvem motivação intrínseca (Cavedal, 2005, p. 37; Hallam, 2002, p. 227; McKeachie, 1983, p. 856; O'Neill & McPherson, 2002, pp. 33-34; Schmidt, 2005, pp. 144-145). Um aluno está intrinsecamente motivado quando aquilo que o move é a própria aprendizagem musical, o prazer de tocar, de fazer música, e de evoluir enquanto *performer*. Um aluno intrinsecamente motivado tem tendência para ficar completamente envolvido nas tarefas, concentrado e disposto a trabalhar, por encontrar satisfação no processo de aprendizagem (Cavedal, 2005, p. 37). Esta capacidade para direcionar elevados níveis de atenção para o processo de aprendizagem permite que ocorram muitas vezes experiências de fluxo, que obtenha sucesso na aprendizagem, que aumente os seus níveis de auto-eficácia, e que reaja positivamente perante a falha ou o erro. O desenvolvimento de motivação intrínseca parece ser influenciado por vários fatores internos e externos ao aluno, tais como, a ação dos pais, dos professores e dos colegas, e ainda as experiências musicais da infância e das oportunidades de envolvimento emocional com a música (Hallam, 2002, p. 225; Kemp & Mills, 2002, pp. 9-14; Sichivitsa, 2007, p. 56; Sloboda, 1994, pp. 3-5).

Relativamente as estas últimas, O'Neill & McPherson referem que criar momentos de *performance* frequentes e em ambiente controlado, isto é, onde existe um equilíbrio adequado entre o risco para o aluno e o apoio do professor e colegas, contribui para o aumento dos níveis de confiança do aluno em situações de *stress*, afetando grandemente a qualidade da sua

performance, e os seus níveis de auto-eficácia (2002, p. 42). Através da música, segundo Bates, é possível satisfazer várias necessidades em simultâneo, como por exemplo, necessidades de relacionamento, competência e autonomia (2009, pp. 24-25). Desta forma, é possível alcançar sensações de satisfação e prazer, que beneficiam certamente a aprendizagem.

2.2 Aprendizagem Instrumental

Nas escolas de ensino especializado da música a aprendizagem de um instrumento adota, ainda hoje, o modelo individualizado enraizado na tradição ocidental (Gaunt, 2009, pp. 1-5). Este modelo tem habitualmente as seguintes características (Cardoso, 2012, pp. 27-28):

- Assenta sobre uma relação mestre/aprendiz onde há transmissão de conhecimento e experiência;
- É dada grande importância dada às competências técnicas e de leitura no início da aprendizagem;
- Assenta sobre a utilização do mesmo tipo de repertório do final do século XIX, com introdução pontual de repertório contemporâneo e jazzístico;
- É dada grande importância dada à partitura e aos compositores e obras de referência;
- Os principais objetivos são primeiro a formação de futuros músicos profissionais, seguida da formação de ouvintes informados.

O modelo de ensino instrumental com as características acima descritas teve início em 1795, em Paris, e continua a ser considerado por muitos, mais de 200 anos depois, como o modelo adequado para a aprendizagem de um instrumento no contexto da música erudita de tradição ocidental (Cardoso, 2012).

2.2.1 Processos Cognitivos envolvidos na Aprendizagem Instrumental

A psicologia da música tem-se interessado pelos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem de um instrumento. A investigação nesta área é vasta e portanto, não se pretende fazer aqui uma análise exaustiva da bibliografia existente, mas sim apresentar o contributo de alguns investigadores cuja investigação está relacionada com a temática desta

dissertação: aprendizagem holística, competências metacognitivas, canais sensoriais, improvisação, reportório, aprendizagem sensorial e factores emocionais, assuntos estes que parecem ser pertinentes para a reflexão a fazer no final desta dissertação.

Aprendizagem holística - Chappell refere o papel do hemisfério esquerdo na aprendizagem musical relacionando-o com a leitura de notação, análise musical, competências técnicas e aprendizagem passo-a-passo (1999, pp. 254-258). O hemisfério direito, por outro lado, é associado à padronização, imaginação e criatividade na interpretação de uma peça. Considerando estes aspetos, a autora propõe a rentabilização de todo o cérebro para a aprendizagem do piano (e quanto a nós para a aprendizagem de qualquer instrumento), valorizando a estimulação do hemisfério direito, que parece ser normalmente menos estimulado, através da audição interior, improvisação e memorização. As vantagens de uma abordagem que explora igualmente os dois hemisférios são: melhoria na capacidade de resolução de problemas, maior prazer a tocar, melhoria nas capacidades de leitura, melhoria na capacidade de concentração, compreensão mais profunda da música, desenvolvimento de rotinas de estudo e progressão mais rápida. O conhecimento sobre como a informação é processada e o papel de cada hemisfério no processo de aprendizagem, parecem dar pistas sobre estratégias a adotar e a importância de alguns elementos musicais na aprendizagem musical e instrumental.

Competências metacognitivas - Palmer e Drake analisaram a capacidade dos alunos ao nível da monitorização e planeamento do estudo (competências metacognitivas), concluindo que estas competências se desenvolvem nos primeiros anos da aprendizagem (1997, p. 381). Estas competências contribuem para o desenvolvimento do aluno, porque lhe permitem auto-regular a sua aprendizagem, identificando erros e problemas e sabendo encontrar a solução adequada para a resolução de cada situação, avaliando a sua evolução e desempenho, gerindo o tempo, esforço, concentração e níveis de motivação (Cardoso, 2009, pp. 5-6) Estas competências contribuem para um melhor desempenho e aprendizagem mais rápida e eficaz do aluno, que se torna assim, menos dependente do professor.

Canais Sensoriais - Galvao e Kemp referem o papel específico de cada um dos três canais sensoriais na aprendizagem musical (1999, p. 135). De acordo com estes autores o canal visual capta informação relacionada com cor, localização, contraste, distância e velocidade; o canal auditivo capta informação relacionada com volume, timbre, localização do som, duração, velocidade e clareza; e o canal cinestésico capta informação relacionada com localização, intensidade, pressão, extensão, textura e peso. Levando em conta o que está incluído nas funções de cada um dos canais sensoriais, os autores defendem que a aprendizagem seria mais vantajosa através da integração dos três processos, pois permite uma maior rentabilização das capacidades do aluno.

Improvisação - Azzara defende a inclusão de atividades de improvisação na aprendizagem instrumental, referindo que assim como falar e conversar prepara a leitura e compreensão de palavras escritas, a improvisação musical prepara a leitura de notação (1993, pp. 339-340). O autor refere ainda como benefícios da improvisação, a aquisição de competências ao nível do raciocínio musical, compreensão tonal, rítmica e harmónica e competências expressivas, melhorando os resultados dos alunos quando lêem a partir de notação.

Reportório - Tillmann, Bharucha e Bigand sugerem que a aprendizagem implícita é uma característica essencial do sistema cognitivo, e que possibilita a aquisição de informação muito complexa sem atenção despendida (2000, p. 885). Este processo acontece, segundo os autores, de forma incidental (sem ser verbalizado) e não será nunca substituível pelo conhecimento explícito (conhecimento verbal dos factos). Os autores referem, por exemplo, que a mera exposição a peças da tradição musical ocidental é suficiente para desenvolver conhecimento harmónico e que o treino auditivo é uma simplificação deste processo. Este facto evidencia o papel da vivência musical e da importância de criar oportunidades para os alunos ouvirem peças de diferentes géneros, épocas e estilos, bem como de utilizar reportório musical para o desenvolvimento das competências envolvidas na aprendizagem musical e instrumental.

Aprendizagem Sensorial – Os resultados alcançados por alguns investigadores sugerem que a aprendizagem musical (e instrumental) deveria assentar sobre processos de natureza mais sensorial, com predominância para os relativos à audição, e num tipo de conhecimento

procedimental (Altenmüller & Gruhn, 2002, p. 79; Gruhn & Rauscher, 2002, p. 456; Hallam, 1998; Priest, 1996, pp. 206-210).

Fatores Emocionais - De acordo com alguns autores, a aprendizagem e o desenvolvimento musicais são afetados por aspetos de natureza afetiva e emocional, sobretudo os que dizem respeito à relação com os pais numa fase inicial da aprendizagem, e com os professores (Zatorre, 2005, p. 315; Zdzinski, 1996, p. 43).

2.2.2 Competências envolvidas na aprendizagem do instrumento

De acordo com Hallam, autora do livro de referência “Instrumental Teaching” (1998), aprender a tocar um instrumento envolve a aquisição e o desenvolvimento de várias competências: auditivas, cognitivas, técnicas, expressivas, performativas e metacognitivas. Na tabela 2 é possível observar as principais características destes tipos de competências (Hallam, 1998).

Apesar das características únicas de cada uma destas competências, o desenvolvimento de uma terá sempre implicações para as outras, e a capacidade de tocar um instrumento dependerá da articulação de todas elas (Hallam, 1998). O processo de aquisição das competências necessárias para tocar um instrumento é longo, repetitivo e contínuo. O desenvolvimento destas competências só é possível mediante a criação de oportunidades para a aprendizagem que promovam experiências variadas e complementares.

Competências	Descrição
Auditivas	Incluem o desenvolvimento da precisão rítmica, noção de pulsação, afinação, movimento melódico, altura sonora, timbre, capacidade de improvisação, entre outros aspetos fundamentais para o desenvolvimento musical do aluno.
Cognitivas	Incluem processos cognitivos necessários para compreender aspetos teóricos (harmonia, tonalidade, relações de duração rítmica, leitura) e para compreender o modo de funcionamento de atividades e tarefas (transposição, padronização, estrutura, memorização, compreensão estilística).
Técnicas	Incluem aspetos posturais e motores relacionados com a execução do instrumento. O aluno desenvolve inicialmente as competências básicas relacionadas com a postura, produção de som, respiração (quando se aplica) e progressivamente as restantes competências (por exemplo, domínio de diferentes articulações, dinâmicas, velocidade, coordenação) necessárias para atingir os níveis de <i>performance</i> exigidos.
Expressivas	Incluem a capacidade para produzir as alterações de som necessárias de modo a adaptar a <i>performance</i> às características estilísticas que o repertório exige. O domínio expressivo de uma obra ou de um andamento implica, usualmente, o controlo de diversas competências expressivas.
Performativas	Estão relacionadas com a capacidade de apresentação em público e para o público. Incluem a capacidade para articular de forma fluente e organizada toda a informação necessária para produzir uma <i>performance</i> sem interrupções, a capacidade de concentração e a capacidade para gerir as suas emoções antes e durante o momento de apresentação.
Metacognitivas	Estão relacionadas com a capacidade do aluno para identificar erros, solucionar problemas e tomar decisões de carácter técnico e musical/expressivo, com base na sua experiência e aprendizagens anteriores.

Tabela 2 - Resumo de competências envolvidas na aprendizagem de um instrumento

2.2.3 Articulação entre as disciplinas de Formação Musical e de Instrumento

A perspetiva de que várias disciplinas deveriam trabalhar em conjunto no sentido de fazer desenvolver as competências necessárias à formação de um músico, é referida amplamente pela investigação em aprendizagem musical. Embora parte da bibliografia e dos estudos referidos não diga respeito diretamente ao ensino especializado de música, as reflexões apresentadas podem ser transferidas para o contexto do ensino especializado, e em particular para a articulação entre as disciplinas de Iniciação/Formação Musical e Instrumento.

Aprendizagem Contextualizada – Vários autores defendem a necessidade de articular as valências de várias disciplinas em torno de um objetivo comum. Por exemplo, Grashel (1993, p. 38) propõem um tipo de ensino instrumental que vai para além da mera *performance*, onde são integrados elementos e desenvolvidas competências relacionadas com o repertório ou estilo a desenvolver, como: forma, improvisação, análise, composição, história da música, entre outros que se revelem oportunos. Na mesma linha de argumentação, Hallam (1998) realça a importância de os professores de instrumento e de aulas de turma trabalharem e organizarem atividades em conjunto, referindo como vantagens para os alunos a variedade de experiência que isto disponibiliza e as oportunidades de aprendizagem que cria. Por seu turno, Parsonage, Fadnes e Taylor referem a importância de integrar em todo o tipo de aulas de música, levando a prática para as aulas teóricas e a teoria para as aulas práticas (2007, pp. 301-311).

A Iniciação Musical na aula de Instrumento - Vários autores sublinham a importância de desenvolver competências musicais básicas, sobretudo as relacionadas com a audição e a parte motora, para desenvolver competências relacionadas com a aprendizagem instrumental. Por exemplo, Dalby propõe a implementação de várias atividades na aula de instrumento, com o objetivo de desenvolver competências auditivas e cognitivas (1999, pp. 22-25). O autor refere que o objetivo é que os alunos toquem o instrumento como extensão do instrumento interior (audição interior). As propostas deste autor passam por cantar para melhorar a afinação e fraseado do que vai ser tocado, aprender músicas conhecidas de ouvido, reconhecer padrões rítmicos e melódicos, aprender a notação como reconhecimento do que já é conhecido sensorialmente em vez de decodificação. A ideia de utilizar o instrumento como extensão da voz também é defendida por Parsonage (2007, p. 306). Leenman, por seu turno, refere os benefícios de cantar na aula de instrumento, defendendo que cantar as partes que vão ser tocadas dá ao aluno a capacidade de ouvir mentalmente antes de tocar (1997, p. 6). Através do canto são experienciados ou vividos mais rapidamente e naturalmente conceitos como respiração, fraseado, expressividade. Adicionalmente, Ward propõem estratégias para desenvolver o que se chama de “consciência musical” nas aulas de instrumento, com o objetivo de fazer os alunos reconhecer padrões e estrutura e desenvolver noções de fraseado, estilo, textura e carácter (2007, pp. 24-36). Finalmente, Burnsed e Fiocca escrevem sobre a relação

estreita que deveria existir entre a aprendizagem musical geral e a aprendizagem instrumental, realçando a importância de a *performance* e o crescimento musical se tornarem os pontos fulcrais da aprendizagem musical em vez de outros aspetos complementares como a leitura, a contagem de tempos ou aspetos teóricos (1990, p. 4).

Partilha de experiências de aprendizagem - A aprendizagem instrumental na nossa cultura caracteriza-se pelo ensino individual, como já foi referido anteriormente. E neste contexto, a oportunidade de partilha de experiências durante a aprendizagem acontecerá de forma privilegiada nas aulas de grupo. A importância de uma interação alargada é referida por Daniel, segundo o qual a aula de Instrumento é caracterizada muitas vezes por uma postura dominante do professor, que controla o processo ensino-aprendizagem, deixando pouca margem para a contribuição do aluno e interação entre ambos (2006, p. 205). O mesmo autor refere ainda as vantagens de se organizarem aulas de instrumento em pequenos grupos, visto que proporcionam um ambiente de partilha, interação, *feedback* e responsabilidade sobre a aprendizagem, e permitem que o processo ensino-aprendizagem fique centrado nos alunos.

Transferência de competências adquiridas - a velocidade e qualidade da aprendizagem do aluno parecem ser beneficiadas pela utilização de elementos com os quais este está familiarizado. Por essa razão, de acordo com alguns autores, os professores de instrumento precisam de conhecer o tipo de trabalho feito no âmbito na Iniciação/Formação Musical de modo a utilizarem recursos similares nas suas aulas (Burnsed & Fiocca, 1990, pp. 1-3). Segundo Duke ocorre um processo de transferência de aprendizagem sempre que os alunos encontram aspetos comuns ou semelhanças entre as atividades que estão a realizar no momento e as atividades ou tarefas realizadas no passado (2005, pp. 139, 150-152). Isto deveria levar os professores de música (Instrumento e Iniciação/Formação Musical) a procurarem integrar conceitos, conteúdos, processos e competências aprendidas, antes de novas aprendizagens.

2.2.4 Competências Transversais à Formação Musical e ao Instrumento

Tendo em conta que o principal objetivo do ensino especializado é a formação de instrumentistas (Cardoso, 2012, pp. 27-28), todas as disciplinas que compõem o currículo do

ensino especializado de música (mesmo as que aparentemente não estão relacionadas com o instrumento) têm em vista (ou deveriam ter) a formação de instrumentistas, independentemente do tipo de contribuição que dão ou do papel que assumem (principal ou secundário). Portanto é de esperar que a Iniciação/Formação Musical desempenhem um papel importante neste contexto, ajudando a desenvolver as competências musicais necessárias para a formação de ouvintes e de músicos profissionais. No entanto, a Formação Musical, disciplina que anteriormente tinha o nome de “Solfejo”, nem sempre desempenhou este papel da mesma forma.

Evolução da disciplina de Formação Musical

De acordo com Cardoso (2008) a disciplina de Solfejo apareceu pela primeira vez no âmbito do currículo do primeiro Conservatório fundado em Portugal, em 1834, instituição esta que copiava o recém-formado Conservatório de Paris (1795), cujo modelo de funcionamento e de organização curricular estava a ser utilizado nas principais cidades europeias. A disciplina de Solfejo tinha como missão ajudar os alunos a desenvolverem competências de leitura de ritmo e nome de notas (solfejo rezado), sem que houvesse necessariamente uma relação com o som ou contexto musical. Posteriormente, durante várias décadas foram propostas reformas e outras alterações relativamente à essência da disciplina. A mais significativa terá sido a reforma proposta por Vianna da Motta, em 1919, onde o propósito da disciplina de Solfejo seria ajudar os alunos a compreender a ligação entre o som e a nota escrita, adotando assim o solfejo entoado em substituição do solfejo rezado. No entanto esta e outras reformas foram frequentemente ignoradas ou tiveram pouca repercussão (Cardoso, 2008, pp. 3-10). Depois das mudanças que tinham começado a observar-se na segunda metade do século XX como resultado dos cursos e seminários orientados por vários pedagogos de referência em Portugal, a criação do curso de Formação Musical na Escola Superior de Música em 1990, permitiu, finalmente, que ocorressem alterações significativas no modelo de ensino da Formação Musical e num âmbito territorial mais alargado (Cardoso, 2008, p. 11; Gonçalves, Santos, & Cruz, 2003, p. 28).

O Plano de Estudos do curso de Formação Musical, elaborado pelo professor João Pinheiro, de acordo com o modelo francês para obtenção do “Certificado de Aptidão para o Ensino da Formação Musical” que o próprio possuía, foi criado em 1990, tendo como objetivo principal “suprimir a lacuna da formação dos professores de Formação Musical em Portugal, então formalmente inexistente” (Gonçalves, et al., 2003, pp. 28-29). Os princípios adotados na formação de professores nesta área incidiam sobre uma forte prática musical, promovendo “uma formação artística sólida”, contrariando “a visão do professor de Formação Musical como um teórico da música” e apostando “na vertente artística que o ensino nesta área necessitava”. Para além disso, estes professores passaram a receber uma formação sólida ao nível da pedagogia (Gonçalves, et al., 2003, pp. 29-30).

Portanto, a formação de professores de Formação Musical fez com que o modelo de ensino e os objetivos da disciplina de “Solfejo” sofressem alterações profundas. As principais diferenças entre a disciplina de “Solfejo” no plano curricular do primeiro Conservatório e a disciplina de Formação Musical atual dizem respeito à forma como a Formação Musical atual se aproxima mais das necessidades de aprendizagem de um aluno de instrumento no ensino especializado de música, e podem ser observadas na figura 1.

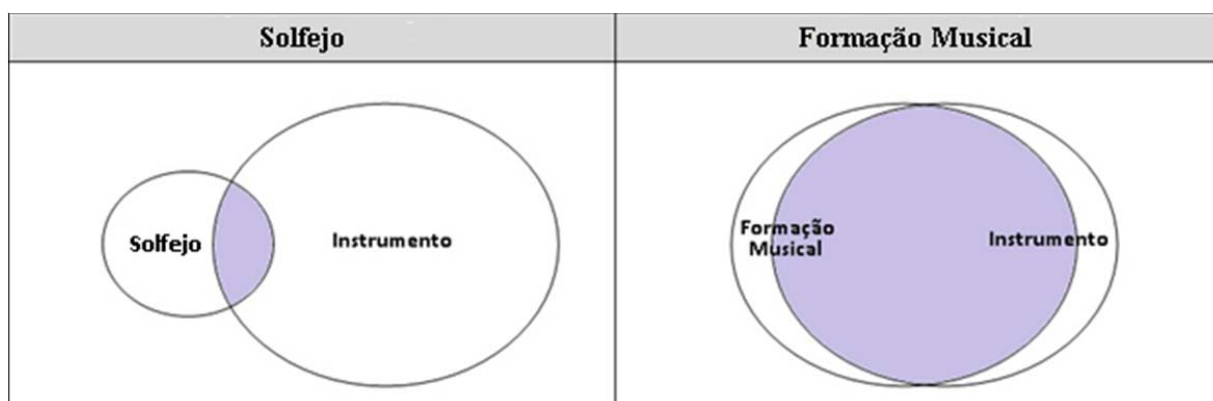


Figura 1 – Competências abrangidas pelas disciplinas de Solfejo e Formação Musical, em relação à aprendizagem instrumental

Portanto, a disciplina de Solfejo que estava centrada na aquisição de competências de leitura de nome de notas e ritmo, muitas vezes desprovida de qualquer trabalho de natureza musical, já

não existe. A disciplina de Iniciação/Formação Musical tem agora um caráter muito mais abrangente, esperando-se que sejam desenvolvidas muito mais competências do que as tradicionais competências de leitura (competências auditivas, expressivas, metacognitiva e performativas).

Portanto, neste momento, a identidade das disciplinas de Iniciação/Formação Musical parece ter-se aproximado da que deveria ter, em teoria, no contexto do ensino especializado de música, contribuindo de forma decisiva para a aquisição e desenvolvimento de um grupo alargado de competências vitais para a formação de um instrumentista.

3. Metodologia

Neste capítulo vão ser referidos todos os aspetos envolvidos na realização prática e na análise do estudo experimental levado a cabo, incluindo todos os aspetos relevantes para a sua validação.

3.1 Justificação do Estudo

Tendo em conta a informação apresentada no capítulo anterior, que apontava para as possíveis vantagens de, por um lado, articular a disciplina de instrumento com as disciplinas que funcionam em turma, e por outro lado de rever o papel da disciplina de Formação Musical, faz sentido estudar o impacto educacional da inclusão de atividades que levem à utilização do instrumento nas aulas de Formação Musical/Iniciação Musical.

3.2 Descrição do Estudo

O estudo consistiu na adaptação do padrão de funcionamento de uma disciplina (Iniciação Musical), com a inclusão de atividades tendo em vista as necessidades ou as especificidades do instrumento dos alunos. Não se pretendeu alterar a natureza da disciplina de Iniciação Musical, mas antes aferir o impacto, quer motivacional, quer na aprendizagem musical propriamente dita (aquisição e desenvolvimento de competências), da inclusão de atividades que obrigariam à utilização do instrumento.

Visto que o objetivo era perceber de que forma seriam afetados os níveis de motivação dos alunos, a sua relação com o instrumento, e consequentemente toda a sua evolução ao nível musical e instrumental, seria importante fazer uma análise comparativa da prestação dos alunos, antes e depois da experiência.

3.3 Perspetiva Teórica

Para o estudo levado a cabo no âmbito desta dissertação, optou-se por um modelo teórico que se enquadra no Pragmatismo. O Pragmatismo evita debater questões de natureza ontológica e

procura centrar-se em questões de natureza epistemológica (produção de conhecimento). Para o Pragmatismo os meios de investigação adequados são aqueles que permitem encontrar a resposta à pergunta de investigação (Johnson & Onwuegbuzie, 2004, pp. 16-17). O Pragmatismo é o modelo teórico apropriado para este estudo, uma vez que permite a utilização de métodos mistos de investigação.

3.4 Apresentação do Estudo

Este estudo consistiu na alteração do funcionamento da aula de Iniciação Musical durante um período específico. Foi utilizado o método misto de investigação para análise dos resultados e os dados foram recolhidos através de entrevistas aos participantes (alunos e professores).

3.4.1 Método Misto de Investigação

O método misto é um paradigma de investigação “onde o investigador mistura ou combina técnicas, métodos, abordagens, conceitos ou linguagem quantitativa e qualitativa, num só estudo” (Johnson & Onwuegbuzie, 2004, p. 17).

Métodos de Natureza Quantitativa	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Possibilita a generalização, quando há variedade suficiente de amostra; • Os dados são precisos e quantificáveis, e a recolha e análise são relativamente rápidas; • Os resultados são independentes (não diretamente influenciáveis pelo investigador); • Útil para investigar dados com um largo número de casos/participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os resultados podem deixar de fora variáveis e fenómenos específicos; • O conhecimento gerado a partir dos resultados pode ser demasiado abstrato e geral para ser aplicado a situações, pessoas ou contextos específicos.

Tabela 3 – Vantagens e desvantagens de métodos de natureza quantitativa

Métodos de Natureza Qualitativa	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Útil no estudo aprofundado de um número limitado de casos; • Útil para descrever fenómenos complexos, fenómenos de forma pormenorizada e em contextos específicos; • Disponibiliza informação individualizada sobre cada caso, o que possibilita comparação e análise entre casos; • Pode responder a situações, condições e necessidades específicas, e ainda a alterações que ocorram durante o processo. 	<ul style="list-style-type: none"> • O conhecimento gerado pode não ser generalizado a outras pessoas, situações ou condições e será mais difícil testar hipóteses e teorias; • Os processos de recolha e análise de dados são mais demorados; • Os resultados são mais facilmente influenciáveis pelo investigador.

Tabela 4 - Vantagens e desvantagens de métodos de natureza qualitativa

Portanto, tendo em conta as vantagens e desvantagens apresentadas relativamente aos métodos de natureza quantitativa e qualitativa (tabelas 3 e 4), pode ser vantajoso combinar os dois métodos, aproveitando assim os pontos fortes de ambos e minimizando os pontos fracos de cada um dos métodos separadamente (Johnson & Onwuegbuzie, 2004, pp. 14-15).

Os mesmos autores referem as vantagens e desvantagens da utilização do método misto resumidas aqui na tabela 5 (2004, p. 21).

Método Misto	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Permite a utilização de palavras, imagens e narrativa, para dar significado aos números, e vice-versa; • Pode responder a questões de investigação mais amplas e completas, devido à variedade de abordagens que este método permite; • Adiciona aspetos que podem passar despercebidos quando é utilizado apenas um método de investigação. 	<ul style="list-style-type: none"> • A análise é mais complexa e por isso pode envolver mais investigadores, um maior custo e mais tempo; • Alguns aspetos poderão ser de difícil resolução, sobretudo quando surgem resultados conflitantes, ou dúvidas relativamente aos métodos de análise a adotar.

Tabela 5 - Vantagens e desvantagens do método misto

A utilização do método misto neste estudo, tendo em conta as vantagens e desvantagens anteriormente apresentadas, justifica-se pelas características que este apresenta:

- Foi realizado num ambiente com características singulares, não generalizáveis;
- Foi realizado com um número de participantes reduzido;
- Tem características de um estudo exploratório, e por isso é importante que o tratamento dos dados seja abrangente, de forma a não deixar de fora aspetos importantes;
- Pretende, por um lado, quantificar uma evolução e por isso inclui dados essencialmente quantitativos, mas por outro lado, existe uma relação direta entre participantes (professor-aluno), onde é importante considerar fatores qualitativos.

3.4.2 Entrevistas

Os dados foram recolhidos através de entrevistas¹. Todas as entrevistas foram administradas pelo investigador.

Entrevistas aos alunos

As entrevistas realizadas aos alunos foram do tipo “estruturadas”. As principais características de uma entrevista estruturada são as seguintes: os dados destinam-se a uma análise essencialmente quantitativa; as perguntas são *standard* e colocadas a todos os participantes na mesma ordem; e existe pouca interação entre o entrevistador e o entrevistando (Gray, 2004, p. 215). Na tabela 6 é possível observar as principais vantagens e desvantagens das entrevistas estruturadas.

¹As transcrições das entrevistas realizadas encontram-se em anexo.

Entrevistas Estruturadas	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Permitem manter o foco da entrevista nos assuntos centrais determinados pelo entrevistador; • Permitem obter informação detalhada sobre os assuntos em questão; • Permite uma comparação direta entre as respostas dos participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Podem limitar as respostas; • Podem deixar de parte aspetos que poderiam ser significativos para a investigação;

Tabela 6 – Entrevistas estruturadas: vantagens e desvantagens

Neste caso, optou-se pela realização de entrevistas estruturadas, pelos seguintes motivos:

- Para garantir que as perguntas eram compreendidas por todos os participantes da mesma forma e que a resposta era clara e objetiva para todos os participantes, visto que estes tinham entre 7 e 10 anos de idade e por isso menos facilidade de se exprimirem sobre os assuntos de forma escrita ou perante perguntas pouco específicas.
- Para disponibilizar aos participantes respostas de escolha múltipla, por garantirem uma resposta mais precisa, mesmo quando os alunos não tinham ainda opinião formada sobre o assunto.
- Para permitir uma comparação entre os resultados das duas entrevistas administradas a cada participante, antes e depois das aulas do estudo.

As entrevistas aos alunos foram realizadas em dois momentos: antes e depois das aulas de Iniciação Musical em que os alunos utilizaram o instrumento. As duas entrevistas realizaram-se nos mesmos moldes, dado que o objetivo inicial era o de comparar a perspetiva dos alunos, antes e depois da utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical. Na segunda entrevista foi adicionada uma pergunta que incluía a opinião sobre as aulas que incluíram a utilização do instrumento. As questões relacionadas com a apreciação dos alunos pelo instrumento, das aulas de instrumento, das aulas de Iniciação Musical com a utilização do instrumento, e do estudo em casa tiveram escolha múltipla para quantificar a relação dos alunos com o instrumento. As perguntas usadas na entrevista e os seus objetivos podem observar-se na tabela 7.

Perguntas	Objetivos
Que instrumento tocas? Há quanto tempo estás a aprender?	Recolher informação geral sobre os alunos.
Quanto é que gostas do teu instrumento? Gostas de tocar nas aulas (de instrumento)? Gostas de tocar em casa? Gostas de utilizar o instrumento nas aulas de IM? <i>[pergunta exclusiva da 2ª entrevista]</i> Quando vais estudar é porque te apetece ou porque alguém te pede?	Avaliar os níveis de motivação intrínseca dos alunos, através do apreço pelo instrumento e pelas atividades que envolvem tocar instrumento.
Que tipo de coisas fazes quando estás a tocar em casa? Qual delas gostas mais de fazer?	Perceber o tipo de atividades que os alunos faziam com o instrumento quando estão sozinhos (em casa).
O teu professor fica contente com aquilo que tu estudas?	Avaliar a eficiência do estudo do instrumento, feito em casa.
Quando consegues fazer uma coisa no instrumento achas que é porque tens talento/jeito, ou porque te esforças/estudas muito? Quando não consegues fazer o que o professor disse pensas que não tens talento/jeito, ou que não te esforçaste/estudaste o suficiente?	Descobrir qual a perceção do aluno sobre as suas capacidades e importância que atribui ao talento e/ou ao esforço;
Achas que estás a conseguir tocar melhor, em relação ao início do ano/última entrevista? Porque? Estudaste mais/menos ou consegues aprender mais depressa? <i>[pergunta exclusiva da 2ª entrevista]</i>	Descobrir qual a perspetiva do aluno sobre a sua evolução, antes e depois das aulas com instrumento, bem como o motivo que a condicionou.
Gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou mais só para ti?	Perceber qual a postura do aluno perante a <i>performance</i> no instrumento; Compreender a relação com os familiares mais próximos e/ou com os amigos e o impacto que este têm na qualidade da sua <i>performance</i> e no quanto se sentem motivados.
O que achaste destas aulas de IM em que usamos o instrumento? <i>[pergunta exclusiva da 2ª entrevista]</i>	Perceber a perspetiva dos alunos sobre o impacto da utilização do instrumento na aula de Iniciação, na sua motivação.

Tabela 7 – Entrevistas aos alunos: perguntas e respetivos objetivos

Entrevistas aos professores

Depois das 10 aulas de duração do estudo, os professores de instrumento dos respetivos alunos foram entrevistados de forma a perceber que tipo de alterações, quer ao nível da motivação ou outros, tinham identificado ou observado nos seus alunos, se alguma.

Para a recolha destes dados optou-se por realizar uma entrevista semi-estruturada. Através de uma entrevista semi-estruturada pretende-se dar resposta a determinados assuntos mas sem colocar as perguntas necessariamente da mesma forma ou pela mesma ordem. Assim, o entrevistador gere a entrevista (acrescenta ou retira perguntas, por exemplo) em função da resposta dada aos assuntos levantados. Este tipo de entrevista destina-se a uma análise tendencialmente qualitativa (Gray, 2004, pp. 215-217). Na tabela 8 é possível observar as principais vantagens e desvantagens das entrevistas semi-estruturadas.

Entrevistas Semi-estruturadas	
Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none">• Permite explorar pontos de vista ou opiniões gerais em mais detalhe;• Permite adaptar as questões da entrevista em função do rumo que esta toma;	<ul style="list-style-type: none">• Torna mais difícil o processo de análise e comparação dos dados;• É mais difícil de gerir a administração da entrevista, de forma a manter o foco sobre os assuntos centrais.

Tabela 8 - Entrevistas semi-estruturadas: vantagens e desvantagens

Neste caso, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas, pelos seguintes motivos:

- As perguntas a colocar aos professores não tinham um texto fixo ou previamente definido, de forma a não condicionar a orientação das respostas, visto que os professores não tinham conhecimento prévio da realização do estudo.
- As perguntas a colocar aos professores eram de resposta aberta, de forma a permitir a exploração da opinião e pontos de vista dos participantes;
- A sequência de perguntas era variável, consoante as respostas anteriores.

As perguntas usadas na entrevista e os seus objetivos podem observar-se na tabela 9.

Perguntas	Objetivos
Como avaliarias o aluno em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?	Caracterizar os alunos em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem.
Notaste alguma alteração no seu comportamento, atitude, ou no seu trabalho ultimamente?	Perceber a perspetiva do professor sobre a evolução do aluno durante o ano letivo, sem este ter conhecimento da realização das aulas do estudo.
(Se resposta anterior foi sim) O quê exatamente? (Se resposta anterior foi sim) Desde quando notaste essas mudanças?	Perceber em que aspetos se deram as alterações no comportamento do aluno, nos casos em que isso aconteceu.

Tabela 9 - Entrevistas aos professores: perguntas e respetivos objetivos

3.4.3 Participantes

Alunos

Participaram no estudo 12 alunos, 6 rapazes e 6 raparigas, com uma média de 7,8 anos de idade, sendo a idade mínima 7 anos e a idade máxima 10 anos. Os alunos estavam distribuídos por 2 níveis: 9 alunos (75%) em Iniciação Musical II e 3 alunos (25%) em Iniciação Musical IV.

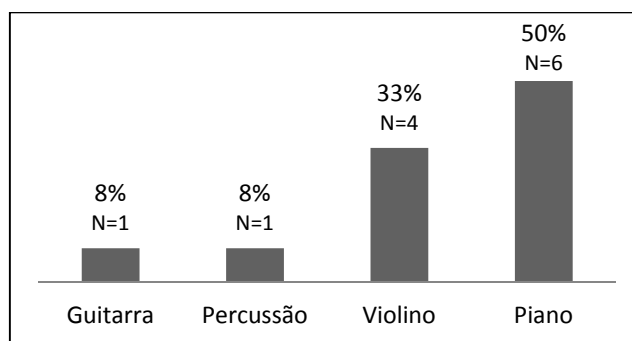


Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por instrumento

Como é possível observar no gráfico 1, metade dos alunos envolvidos neste estudo experimental são alunos de piano.

Para este estudo foi escolhida uma “amostra de conveniência”. Numa amostra de conveniência os participantes são os que estão convenientemente disponíveis e reúnem as condições

necessárias para a participação (Gray, 2004, p. 88; Robson, 2002, p. 265). Neste caso, eram alunos de Iniciação Musical que frequentavam as mesmas turmas e a mesma escola de música.

Professores

Por inerência, visto que a escolha dependeu dos alunos que participaram no estudo, participaram 7 professores: 3 professores de piano, 2 professores de violino, 1 professor de guitarra e 1 professor de percussão. Em vários casos, os professores tinham mais do que um aluno a participar no estudo, o que levou a fazer mais do que uma entrevista a alguns professores (4 num caso e 2 noutro caso).

Não foi possível recolher informação relativamente a um dos alunos de violino, visto que o aluno mudou de professor na altura em que se iniciaram as aulas de Iniciação Musical com o instrumento, e por isso nenhum professor teria a perspetiva do aluno que se pretendia para efeitos de análise.

3.4.4 Trabalho de campo

Aulas com instrumento - os alunos frequentaram 2 aulas de Iniciação Musical por semana, com a duração de 45 minutos. Durante o 2º período, de Janeiro a Março, foi pedido aos alunos para levarem o seu instrumento para a aula que se realizava à quinta-feira, durante 10 aulas. Durante estas aulas, era pedido aos alunos para realizarem tarefas que já conheciam mas utilizando o seu instrumento:

- Realizaram reproduções rítmicas, por imitação, percutidas no instrumento, num som à escolha dos alunos ou definido previamente pelo professor;
- Tocaram ou alternaram entre tocar e cantar canções, ordenações e melodias que alunos já cantavam com nome de notas;
- Aprenderam a tocar o baixo e outras vozes de canções, realizando depois a canção a várias vozes entre eles;
- Realizaram exercícios de dissociação, cantando melodias em vocalizo e tocando o baixo em simultâneo;

- Realizaram exercícios de transposição de melodias já conhecidas dos alunos, no instrumento, quer descobrindo auditivamente os sons que pretendiam ouvir, quer sabendo previamente as notas que deveriam tocar;
- Realizaram trabalhos de casa utilizando também o instrumento, repetindo ou continuando atividades da aula;
- Realizaram momentos de *performance* no final das aulas, onde um ou dois alunos em cada aula tocaram para os colegas uma música à escolha deles, que soubessem de cor.

Entrevistas - as entrevistas iniciais aos alunos foram realizadas durante o mês de Novembro de 2010, e as entrevistas finais entre Março e Maio de 2011. As entrevistas aos professores foram realizadas entre Março e Maio de 2011, após as aulas em que os alunos utilizaram os instrumentos. Os professores não tiveram conhecimento à cerca do estudo antes da realização das entrevistas.

3.4.5 Transcrição de entrevistas

O modelo teórico adotado para a transcrição das entrevistas foi o “Ordinário”. De acordo com este modelo a informação é transcrita de forma básica, sem detalhes relativamente à entoação, informação não verbal, ou detalhes do discurso (Gibson, 2009, pp. 2-3). Este pareceu ser o método adequado considerando a natureza da investigação, e os métodos de análise de dados usados (Halcomb & Davidson, 2006, p. 40).

As regras adotadas para a transcrição foram as seguintes:

- Ideias repetidas durante a entrevista foram escritas só uma vez;
- Foi incluída informação não-verbal quando considerada relevante;
- Informação e detalhes acrescentados pelo investigador foram incluídos entre parêntesis retos, sempre que se justificou, com o objetivo de clarificar a informação recolhida;
- Informação contraditória ou irrelevante para o estudo, ou mal-entendidos não foram transcritos.

3.5 Análise de dados

Tendo como objetivo avaliar diferenças ao nível da motivação, os dados recolhidos tiveram um carácter essencialmente quantitativo, e portanto, a análise quantitativa foi o meio de análise com mais relevância neste estudo. No entanto, a informação quantitativa foi, sempre que se justificou, acompanhada de informação qualitativa, recolhida também nas entrevistas a alunos e professores.

3.5.1 Análise Quantitativa

Na análise quantitativa dos dados foram utilizados vários processos, escolhidos consoante as características da informação recolhida.

Conversão dos dados recolhidos

Foram recolhidos dados quantitativos nas entrevistas aos alunos realizadas antes e depois e nas entrevistas aos professores. Os dados recolhidos foram convertidos de duas formas: em categorias, quando as respostas eram organizáveis desta forma; e em números, quando era possível atribuir um valor a cada resposta, por grau de importância. Nas entrevistas aos alunos, sempre que se justificou, os dados relativos à comparação de respostas antes e depois do período de inclusão do instrumento nas aulas de Iniciação Musical, foram comparados de forma a analisar diferenças de opinião. Em alguns casos foi também cruzada informação das entrevistas aos alunos com informação das entrevistas aos professores, com o objetivo de evidenciar relações entre ambas as perspetivas.

Gráficos

Foram apresentados sempre que possível gráficos comparativos para pôr em evidência as diferenças no antes e depois da inclusão do instrumento nas atividades da Iniciação Musical, e gráficos simples, para mostrar a orientação das respostas dos alunos, com o objetivo de facilitar a leitura dos resultados.

Escalas de Likert

A escala de Likert é uma escala de resposta psicométrica, utilizada habitualmente em questionários, que serve para medir preferências ou nível de concordância com uma pergunta/questão. As categorias das escalas de Likert são, habitualmente, numeradas de forma contínua e o número de categorias é variável. A escolha de um número de categorias par, evita que os participantes procurem a categoria neutra (categoria do meio). Por outro lado, uma escala de Likert com número de categorias ímpar permite uma resposta mais adequada, quando de facto a opinião do participante é neutra (Bertram, 2009, p. 1; Johns, 2010, pp. 2-3).

Cálculo da evolução geral

Em várias situações, nas entrevistas aos alunos, não foi possível comparar os resultados de forma a indicar o aumento ou diminuição percentual da resposta, antes e depois das semanas em que ocorreu a experiência. Desta forma, para analisar a evolução geral das respostas, foram seguidos os passos apresentados na tabela 11.

Processo de cálculo da evolução geral			
	Processo	Exemplo	
Passo 1	Multiplicação do número de respostas dadas pelo valor atribuído a cada nível da escala de likert. Este processo é realizado para cada pergunta, na 1ª (E1) e 2ª (E2) entrevistas aos alunos.	Nível 5: MUITÍSSIMO	0x5= 0
		Nível 4: Mesmo muito	8x4= 32
		Nível 3: Muito	4x3= 12
		Nível 2: Pouco	0x2= 0
		Nível 1: Nada	0x1= 0
		Total	44 (E1)
Passo 2	Aplicação da seguinte fórmula: <div><div>Total E2</div><div>Total E1</div></div>	<div><div>52</div><div>44</div></div> = 1,18 (18%)	

Tabela 11 – Descrição do processo de cálculo da evolução geral dos alunos

Correlação

Correlação, no contexto da análise estatística, ou quase-estatística como é o caso, consiste na medida em que dois ou mais elementos relacionados mostram tendência para variar em

conjunto. O coeficiente de correlação indica a força e a direção do relacionamento entre duas ou mais variáveis aleatórias. Devido à natureza e características dos dados, a correlação de Kendall foi a mais adequada à natureza da amostra desta dissertação, por ser adequada para um número reduzido de dados onde não se destaca evolução aparente (Field, 2005, p. 131).

3.5.2 Análise Qualitativa

A análise qualitativa permitiu acrescentar profundidade à análise quantitativa, tanto mais visto que o número de participantes foi pequeno e o contexto em que se realizou o estudo experimental foi bastante específico (Johnson & Onwuegbuzie, 2004, p. 20).

Os dados de natureza qualitativa foram organizados em categorias, segundo um processo conhecido como “Análise de Conteúdo”. O processo de análise de conteúdo consiste em fazer ilações a partir dos dados de forma objetiva e sistemática, identificando características especiais e organizando a informação em classes ou categorias (Gray, 2004, p. 328).

As categorias formadas foram as seguintes:

- *Envolvimento dos pais (aluno):* envolvimento dos pais no processo de aprendizagem musical, na perspetiva do aluno;
- *Envolvimento dos pais (professor):* envolvimento dos pais no processo de aprendizagem musical, na perspetiva do professor;
- *IM com instrumento:* opinião dos alunos sobre as aulas de Iniciação Musical com recurso aos instrumentos;
- *Mudanças referidas:* referências dos professores sobre as mudanças verificadas nos alunos.

Foi ainda analisada informação recolhida nas entrevistas aos professores relativamente ao potencial, capacidade de trabalho e competências dos alunos. Esta informação permitiu fazer uma caracterização geral dos alunos.

3.6 Cuidados Éticos

Na realização deste estudo, vários aspetos foram levados em consideração, do ponto de vista ético, considerando a importância destes cuidados para a validação de qualquer peça de investigação (Crano & Brewer, 2002, pp. 346-349; Gray, 2004, pp. 235-236). Os aspetos levados em consideração incluíram: autorização de participação e de utilização de espaço, direito de recusa e confidencialidade.

Autorização - A participação dos alunos neste estudo experimental foi previamente aprovada por escrito, pelos encarregados de educação, bem como a captação de som e imagem durante as entrevistas aos alunos. A direção da Academia de Música de Almada autorizou a realização deste estudo com os seus alunos e captação de som e imagem nas suas instalações.

Direito de Recusa - Foi dada oportunidade aos professores, pais e alunos para rejeitarem a participação no estudo em qualquer altura.

Confidencialidade - Todos os participantes e encarregados de educação de participantes menores de idade foram informados sobre o fim a que se destinava a informação recolhida, e foi garantida a confidencialidade dos dados relativamente à comunidade escolar envolvida.

4. Resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados relativos ao estudo realizado. Inicialmente é feita uma descrição generalizada dos resultados, relativamente a elementos recolhidos que caracterizam o grupo de alunos envolvido no projeto. De seguida são apresentados os resultados relativos às duas entrevistas feitas com alunos, cruzando informação com as entrevistas dos professores sempre que necessário.

4.1 Descrição de aspetos gerais

4.1.1 Potencial

Os alunos que participaram no estudo experimental foram avaliados pelos respetivos professores de instrumento como tendo tendencialmente potencial elevado.

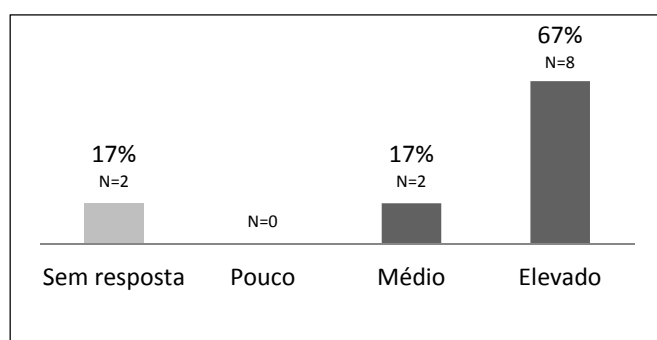


Gráfico 2 – Avaliação dos professores relativamente ao potencial dos alunos

Como é possível observar no gráfico 2, nenhum dos alunos que participaram no estudo foi avaliado como tendo pouco potencial de aprendizagem. Isto sugere, que estes alunos estariam de alguma forma motivados para a aprendizagem.

4.1.2 Capacidade de trabalho

Apesar de os professores fazerem uma avaliação bastante positiva sobre o potencial destes alunos, as opiniões parecem ser mais díspares relativamente à sua capacidade de trabalho.

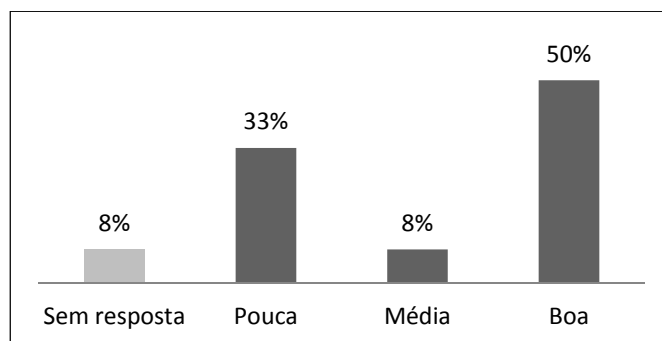


Gráfico 3 – Avaliação dos professores relativa à capacidade de trabalho dos alunos

Observando o gráfico 3, percebe-se que de acordo com os professores existe, por um lado, um número considerável de alunos com boa capacidade de trabalho (N=6), o que corrobora em parte a distribuição dos alunos pelos níveis médio e elevado de potencial referidos anteriormente. Por outro lado, os professores referem também um número significativo de alunos como tendo pouca capacidade de trabalho (N=4).

Uma justificação para estes resultados pode ser a que uma parte significativa dos alunos terá, aparentemente, poucos hábitos de estudo e poucas rotinas de trabalho em casa. Um dos principais motivos apontado pelos professores para justificar a fraca capacidade de trabalho está relacionado com a qualidade do acompanhamento familiar. Em alguns casos, a ação dos pais parece ter um impacto negativo, por exemplo: em relação ao aluno 5 e aluno 12, os professores referiram a falta de estímulo para trabalhar em casa como estando relacionada com os pais; em relação ao aluno 4 o professor sugeriu também a inexistência de rotinas e horários em casa. Inversamente, de acordo com os professores, a ação dos pais quando positiva pode produzir bons efeitos sobre o trabalho feito em casa.

4.1.3 Aquisição de competências

Relativamente às competências que os professores esperam ver desenvolvidas é importante referir que não existe plano de estudos para o curso de Iniciação Musical na Academia de Música de Almada. Desta forma, na avaliação destes resultados (gráfico 4) deve ser levado em consideração o facto de as expectativas do professor relativamente às competências a

desenvolver pelos alunos serem baseadas apenas nos seus critérios pessoais, não sendo normalizado por um programa específico a curto/médio prazo.

Os professores fizeram uma avaliação tendencialmente das competências adquiridas por estes alunos no tempo de aprendizagem que levam.

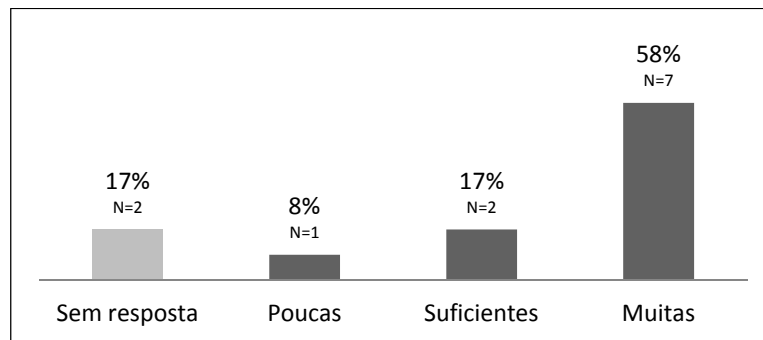


Gráfico 4 – Avaliação dos professores relativa às competências adquiridas pelos alunos

Os números apresentados no gráfico 4 reforçam os dados relativos ao potencial de aprendizagem dos alunos. Estes resultados parecem indicar que os professores têm tendência para avaliar o potencial dos alunos em função das competências já desenvolvidas. O facto de os alunos não trabalharem muito em casa não parece ser significativo para os professores, nesta fase inicial da aprendizagem, talvez porque acreditem ser possível alcançar bons resultados através do trabalho feito na aula.

Por último, a análise das respostas dos professores (N=9) permitiu encontrar uma correlação elevada e negativa (τ_b de Kendall = -0.837, sig 0.014 para um erro de Tipo I, $p < 0.05$) entre as variáveis potencial de aprendizagem e competências adquiridas. Isto sugere que os alunos que na perspetiva dos professores têm maior potencial de aprendizagem são aqueles que tinham à data menos competências desenvolvidas. Dito de outra forma, os professores viam maior potencial nos alunos menos avançados.

4.2 Impacto do estudo realizado

Foi possível observar o impacto do estudo quer relativamente ao nível da motivação dos alunos, quer relativamente a outros aspetos significativos da aprendizagem.

4.2.1 Relação dos alunos com o instrumento

São vários os aspetos que permitem observar e medir alterações na relação do aluno com o seu instrumento: aspetos de ligação afetiva e emocional com o instrumento, com o estudo em casa, com as aulas de instrumento e com as aulas de Iniciação Musical onde participaram com o instrumento.

O instrumento

Quando comparados os dados relativos à apreciação global dos alunos relativamente ao instrumento observou-se uma subida significativa após as 10 semanas do estudo, tendo os alunos demonstrado um maior interesse pelo instrumento nessa altura.

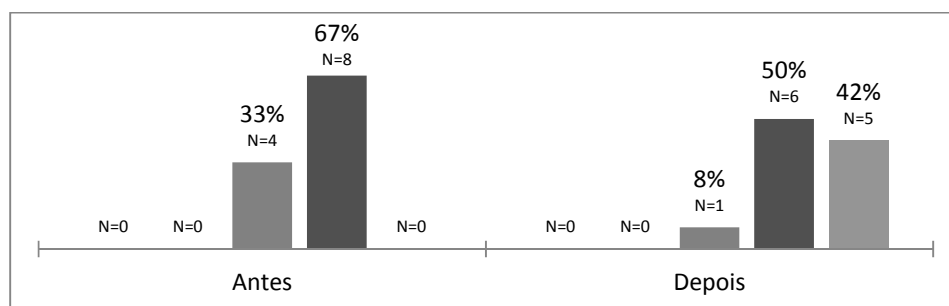


Gráfico 5 – Percepção dos alunos relativamente ao instrumento (antes e depois)²

Como é possível observar no gráfico 5, a apreciação dos alunos relativamente a quanto gostam do seu instrumento foi sempre positiva, antes e depois (não se verificaram respostas nos níveis negativos). No entanto verifica-se que depois do estudo os alunos disseram gostar ainda mais do instrumento, "gosto muitíssimo" (42%, N=5), sugerindo uma valorização da perspetiva dos alunos relativamente ao instrumento na ordem dos 18%.

² Legenda: 5 níveis em cada grupo, de "não gostou nada" a "gostou muitíssimo" (esq → dta)

Estudo em casa

Os resultados relativos ao prazer que os alunos demonstraram em tocar em casa parecem indicar também uma evolução positiva, após a realização das aulas do estudo.

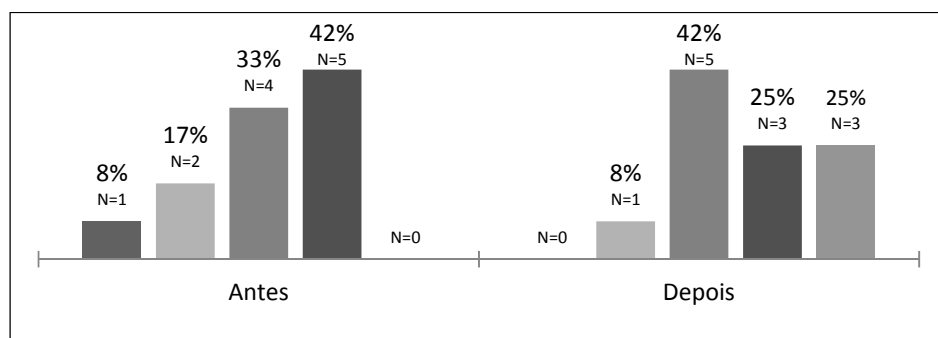


Gráfico 6 – Prazer em estudar o instrumento em casa (antes e depois)³

A análise o gráfico 6 permite observar uma tendência semelhante à já observada na percepção do instrumento, com um aumento significativo após as 10 aulas do estudo na ordem dos 19%

Aula de Instrumento

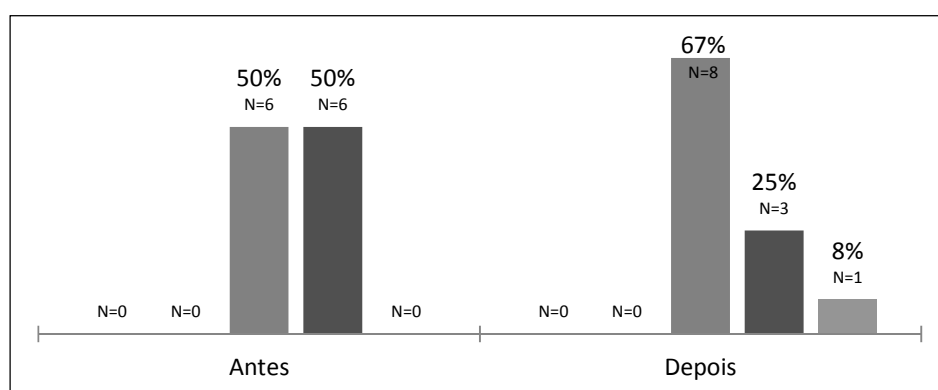


Gráfico 7 – Percepção dos alunos relativamente à aula de instrumento (antes e depois)⁴

A relação dos alunos com a aula de instrumento sofreu poucas alterações, comparativamente a outras atividades. Os resultados foram sempre positivos (não se verificaram respostas

³ Legenda: 5 níveis em cada grupo, de “não gostou nada” a “gostou muitíssimo” (esq → dta)

⁴ Legenda: 5 níveis em cada grupo, de “não gostou nada” a “gostou muitíssimo” (esq → dta)

negativas, como se vê no gráfico 7). No entanto, após a realização das 10 aulas do estudo 2 alunos que passaram a gostar menos e 1 aluno passou a gostar mais da aula de instrumento, isto é, não foi possível indicar um sentido claro da percepção dos alunos da primeira para a segunda entrevista.

Aula de Iniciação Musical

Os alunos demonstraram ter gostado assumidamente mais das aulas de Iniciação Musical em que utilizaram o instrumento. Como é possível observar no gráfico 8, nenhum aluno fez uma apreciação negativa destas aulas e único aluno que reportou ter “gostado pouco” justificou a sua resposta por dizer que tinha tocado pouco. Dito de outra forma, este aluno terá gostado do conceito de utilizar o instrumento mas queria ter tocado mais.

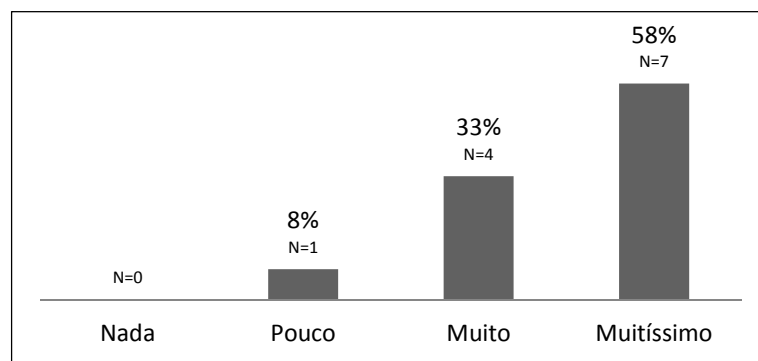


Gráfico 8 – Percepção dos alunos relativamente à aula de Iniciação Musical

Portanto, a distribuição das respostas sugere que a perspectiva de utilizar o instrumento na aula de Iniciação Musical, de forma geral, agradou muito aos alunos. A opinião dos mesmos sobre estas aulas parece ir de encontro a estes resultados, como é possível observar na tabela 12. Estes comentários sugerem que mais do que um sentimento positivo há um grande entusiasmo relativamente a uma aula de Iniciação Musical, quando esta inclui tocarem nos seus instrumentos, e o motivo parece em muitos casos estar relacionado com a ligação afetiva que estes alunos têm com o seu instrumento.

Aluno	Gostou da aula porque:
Aluno 1	“Porque aprendo mais música. Porque... antes não pensava que era assim, que usamos o instrumento cá nesta aula. Estou a gostar muito.”
Aluno 2	“Porque...hum... Podemos tocar, tocamos músicas para os amigos e não foste só tu a tocar.”
Aluno 10	“Porque toca-se com o instrumento e eu gosto de tocar com o instrumento.”
Aluno 11	“ (...) como gosto de usar sempre o meu instrumento, é só por causa disso, é porque eu gosto muito de usar o piano.”

Tabela 12 – Opinião dos alunos sobre a aula de Iniciação Musical com instrumento

Resumo

Portanto, a análise de todos estes resultados indica que a utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical produziu mudanças positivas a vários níveis: no que diz respeito à relação que têm com o instrumento, ao estudo do instrumento em casa, e ao entusiasmo que revelam relativamente às aulas de Iniciação Musical.

4.2.2 Motivação

São vários os aspetos que permitem aferir os níveis de motivação dos alunos antes e depois das 10 aulas, nomeadamente a sua iniciativa no que diz respeito ao estudo em casa, as atividades que realizam em casa quando estão sozinhos com o instrumento, e as suas preferências relativamente a essas atividades.

Iniciativa relativamente ao estudo

Aquilo que leva os alunos a estudar em casa é um fator a considerar na avaliação dos seus níveis de motivação. Os resultados relativos ao que impulsiona os alunos a ir estudar mostram um aumento dos alunos que passaram a fazê-lo por iniciativa própria na segunda entrevista (como se observa no gráfico 9).

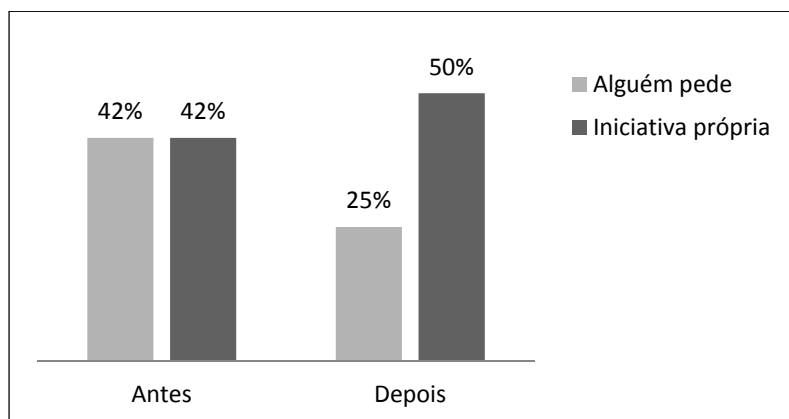


Gráfico 9 – Estudo em casa: motivação

Estes resultados são apoiados pelos comentários dos alunos na segunda entrevista, onde demonstraram que os motivos que os levaram a ter a iniciativa de ir estudar, incluíam um maior sentido de responsabilidade (por exemplo, “Sou eu que vou estudar. Tenho a minha obrigação de estudar.” (aluno 3)), ou maior motivação (por exemplo, “Acho que sou eu que vou mais vezes porque gosto de brincar no piano às vezes. E de criar canções.” (aluno 8)).

Atividades realizadas com o instrumento em casa

Como seria de esperar, em casa, todos os alunos afirmaram tocar as peças e exercícios que o professor de instrumento lhes pedia como trabalho de casa. No entanto, a utilização do instrumento em casa incluía também outro tipo de atividades.

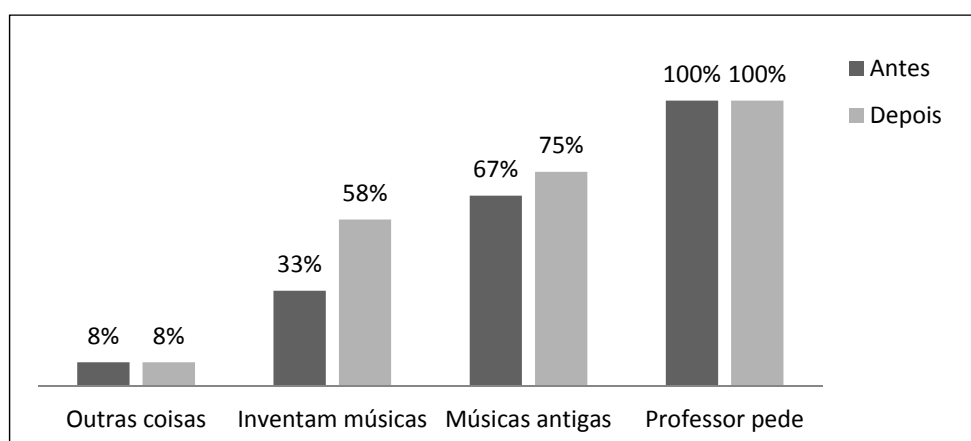


Gráfico 10 – Atividades realizadas com o instrumento em casa

Observando o gráfico 10, é possível afirmar que outras atividades relacionadas com o instrumento foram acrescentadas à realização das tarefas pedidas pelo professor de instrumento. Por um lado, o número de alunos que diziam inventar músicas cresceu perto de 25% (58%, N=7), e também houve mais um aluno a incluir “tocar músicas antigas” na utilização do instrumento em casa. Por outro lado, o número de alunos que tocava exclusivamente o que o professor pedia diminuiu 16%.

Preferências sobre as atividades realizadas em casa

Apesar de realizarem diferentes atividades em casa, quando estão a tocar, os alunos demonstram preferência, na maior parte dos casos, por uma dessas atividades, em alguns casos duas.

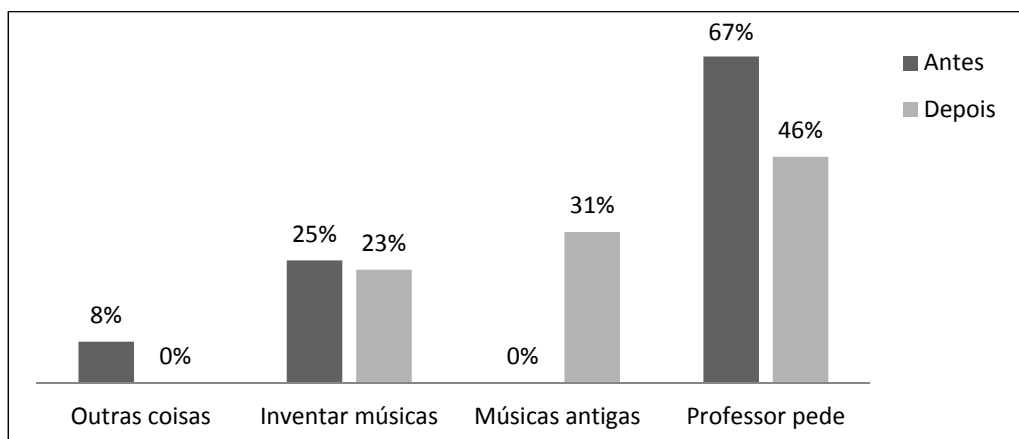


Gráfico 11 – Preferência pelas atividades realizadas em casa

Como é possível observar no gráfico 11, a preferência por tocar “músicas antigas” aumentou de forma bastante significativa da primeira para a segunda entrevista (31%, N=4). O gráfico também indica outra coisa: que os alunos passaram a gostar de realizar outras atividades com o instrumento em casa, para além de tocar o que o professor de instrumento pede.

Portanto, a iniciativa e o interesse dos alunos por outras atividades para além do hábito de tocar o que o professor indicou, pode indicar que a relação com o instrumento cresceu através da vontade de explorar outras possibilidades e potencialidades. Por outro lado demonstra mais

autonomia, visto que os alunos utilizam competências já adquiridas para tocar músicas antigas e no processo de improvisação. O aumento expressivo do gosto por tocar músicas antigas poderá também relacionar-se com a atitude de *performance* desenvolvida por estes alunos.

Resumo

Portanto, a análise de todos estes resultados indica vários aspetos positivos relacionados com a motivação: os alunos passaram a ter a iniciativa de ir estudar o seu instrumento; o leque de atividades realizadas em casa com o instrumento foi alargado; e os pontos de interesse relativamente ao trabalho efetuado em casa passaram a estar relacionados com atividades que dependiam menos de terceiros, sobretudo que dependiam menos da instrução do professor.

4.2.3 Outros aspetos significativos da aprendizagem

A forma como os alunos vêem a sua evolução na aprendizagem musical e as competências adquiridas, parece estar relacionada com a sua motivação e com a atitude que têm relativamente à *performance*.

Importância do trabalho e esforço

Os alunos parecem explicar a sua evolução na aprendizagem de acordo com a teoria incremental (uma das teorias do auto-conceito de inteligência), visto que tendem a apresentar o esforço como justificação para os resultados de aprendizagem positivos (gráfico 12).

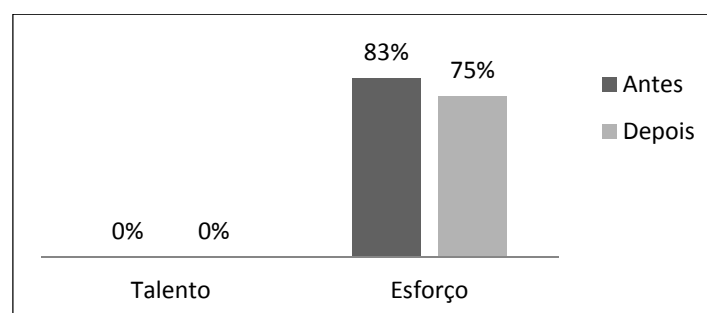


Gráfico 12 – Razões para o sucesso na aprendizagem

Perspetiva dos alunos sobre a sua evolução

Os alunos analisaram a sua evolução na aprendizagem sempre de forma positiva (92% antes do estudo e 100% depois do estudo). Quando questionados na segunda entrevista sobre o motivo da sua evolução, 92% (N=11) respondeu que tinha estudado mais, o que reforça a ideia de que estes alunos consideram o esforço como sendo determinante para o sucesso na sua aprendizagem.

Atitude perante a performance

A forma como os alunos encaram os momentos de *performance* foi avaliada através da frequência com que tocavam e passaram a tocar para outras pessoas e a sua atitude para com a *performance*.

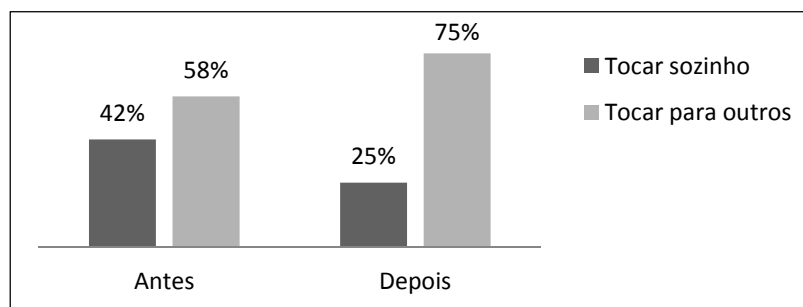


Gráfico 13 – Rotinas ou hábitos de *performance*

O gráfico 13 mostra uma mudança clara relativamente à *performance*: mais alunos preferiram tocar para outras pessoas a seguir às 10 semanas do estudo. Esta mudança representou um incremento de aproximadamente 11% após o estudo, e sugere que os alunos passaram a valorizar o ato de tocarem para outras pessoas.

4.2.4 Mudanças identificadas pelos professores

Os resultados mostram que em 58% dos casos (N=7) os professores notaram mudanças significativas na prestação dos alunos. Mais, em 33% dos casos (N=4), os professores referiram que estas mudanças aconteceram entre janeiro e março, que corresponde à altura em que se

realizaram as aulas de Iniciação Musical onde foi utilizado o instrumento. Nos restantes alunos (42%, N=5) os professores não registaram quaisquer mudanças.

As mudanças identificadas pelos professores podem organizar-se em três grupos como é possível ver no gráfico 14.

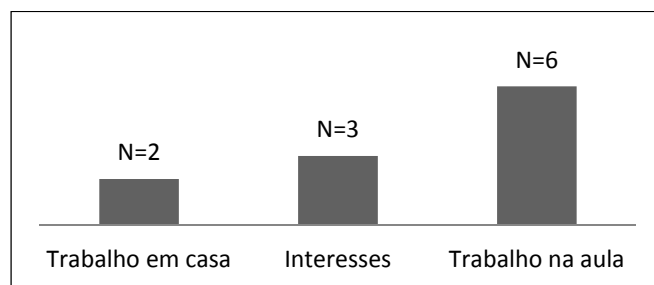


Gráfico 14 – Mudanças identificadas pelos professores

Relativamente aos alunos em que se verificaram mudanças (N=7), em 4 casos os professores relataram alterações significativas em mais do que um aspeto. A principal mudança identificada pelos professores deu-se ao nível da atitude perante o trabalho realizado na aula de instrumento.

Poucos professores referiram detalhes em relação a mudanças observadas, o que será justificado pelo facto de não terem conhecimento do que estava a acontecer na aula de Iniciação Musical. No entanto, foi interessante observar alguns comentários feitos pelos professores relativamente às mudanças que verificaram (tabela 13).

Aluno	Referência do professor
Aluno 1	"Quer tocar coisas que vê aqui noutras disciplinas", nomeadamente no coro.
	"Tudo o que [fossem] leituras de notas, de ritmos, de procurar onde é que aquela nota está no piano... Isso tudo para ela era muito aborrecido e neste momento não é. Ela já faz isso com gosto".
Aluno 9	"Controla-se mais, ou seja, tenta fazer com que a aula renda mais".
	"Encara as coisas com mais seriedade".

Tabela 13 – Referências dos professores às mudanças dos alunos

5. Discussão

Neste capítulo vai ser feita uma reflexão sobre os resultados obtidos no estudo, a sua relação com os aspetos abordados na revisão bibliográfica e as suas implicações práticas para o processo ensino-aprendizagem. Vão ainda ser feitas considerações sobre aspetos como a validade, generalização dos resultados e pertinência da questão de investigação.

5.1 Impacto motivacional

Como foi possível observar através dos resultados apresentados no capítulo anterior, a utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical teve um impacto significativo nos alunos. Vários aspetos sugerem um aumento dos níveis de motivação destes alunos: um sentimento mais forte relativamente ao instrumento, um maior prazer em tocar o instrumento em casa.

5.1.1 Estudo em casa

As entrevistas indicaram que os alunos adotavam para si, aparentemente, uma perspetiva incremental relativamente à aprendizagem do instrumento, isto é, acreditavam que o investimento de tempo e de esforço eram necessários para se obter sucesso na aprendizagem. No entanto, apesar de acreditarem que o esforço e dedicação são necessários para conseguirem bons resultados de aprendizagem, parte destes alunos não ia tocar em casa por iniciativa própria. Esta situação inverteu-se depois das 10 semanas em que foi implementado o projeto, o que sugere que os alunos passaram a estar mais motivados para tocar em casa.

Para além de demonstrarem mais iniciativa para ir tocar, os alunos pareceram também ter modificado o tipo de tarefas que realizam em casa, com o instrumento. Atividades como a improvisação (invenção de músicas) e tocar “músicas antigas” passaram a ser feitas por mais alunos, o que parece demonstrar um maior envolvimento com a música e com o instrumento.

A modificação de comportamento nestes parâmetros parece corresponder a uma alteração na forma como os alunos vêem as suas capacidades relativamente ao manuseio do instrumento, mais positiva e mais autónoma (McKeachie, 1983, p. 856).

5.1.2 Aula de Iniciação Musical com instrumento

A sugestão de que a motivação dos alunos aumenta com a utilização do instrumento nas aulas de Iniciação Musical, e que o impacto desse incremento motivacional produz efeitos positivos para a aprendizagem instrumental de forma transversal, faz crer que uma organização da Iniciação Musical que promova a utilização do instrumento pode contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento de motivação intrínseca (Cavedal, 2005; Daniel, 2006, p. 205). Isto porque as atividades levadas a cabo nas aulas do estudo parecem ter condicionado positivamente as expectativas futuras dos alunos, afetando como consequência a persistência dos alunos, atitude, escolhas, esforço e comportamento perante novos desafios (O'Neill & McPherson, 2002, p. 34; Sichivitsa, 2007).

5.1.3 Aula de Instrumento

Relativamente às aulas de instrumento, foi possível observar que uma parte significativa dos professores identificou mudanças de comportamento nos alunos ao longo do período de 10 semanas de duração do estudo. Essas mudanças incluíram uma melhoria no desempenho nas aulas (maior atenção, mais interesse), mas também no trabalho realizado em casa. Estes resultados são ainda mais interessantes, se se levar em consideração que estes professores não tinham ideia das mudanças que estavam a acontecer na Iniciação Musical.

Estes resultados validam, de certa forma, as respostas dadas pelos alunos nas entrevistas, e reforçam os resultados obtidos na comparação das entrevistas aos alunos.

5.2 Impacto adicional

Para além do impacto demonstrado ao nível da motivação, foi interessante verificar que a utilização do instrumento nas aulas de Iniciação Musical produziu alterações importantes também a outros níveis.

5.2.1 Impacto na rotina dos alunos

Os resultados apontaram para uma alteração dos hábitos e rotinas dos alunos no que diz respeito ao estudo e ao instrumento. Ficou demonstrado que os alunos passaram a ter mais iniciativa para ir tocar em casa, interessaram-se mais por outros aspetos relacionados com o instrumento e com as aulas e mostraram mais concentração e interesse nas aulas de instrumento. Verificaram-se alterações interessantes naquilo que os alunos fazem com o instrumento em casa, visto que aumentou o interesse por inventar músicas e tocar “músicas antigas”, indo além de tocar aquilo que o professor pedia semanalmente.

5.2.2 Impacto na atitude de *performance*

A receptividade dos alunos a momentos de *performance* e a sua vontade de tocar para outras pessoas parece ter aumentado, como sugerem os resultados. Os alunos pareceram estar mais preparados para tocar para os pais, irmãos e amigos, como provável consequência da prática de *performance* adicional que ocorreu nas aulas de Iniciação Musical.

Assim, as oportunidades de *performance* controlada resultantes da utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical parecem ter contribuído para desenvolver competências *performativas*. Estes momentos onde os alunos se apresentam, mas num ambiente familiar e conhecido, ou seja, onde existe um equilíbrio entre o risco implicado e o apoio do professor e colegas, parecem contribuir para o aumento dos níveis de confiança do aluno em situações de *performance*, afetando a qualidade da sua *performance* em ocasiões futuras e moldando os seus níveis de auto-eficácia, relacionados com a apresentação em público (O'Neill & McPherson, 2002).

5.2.3 Impacto no desenvolvimento musical e instrumental

O impacto deste estudo nos níveis de motivação dos alunos foi já amplamente referido. No entanto, as consequências para a aprendizagem musical da utilização do instrumento como parte integrante da aula de Iniciação Musical vão para além do desenvolvimento dos níveis de motivação.

Desenvolvimento musical - a relação da aprendizagem instrumental com a audição interior, improvisação e memorização, estimulando a padronização, imaginação e criatividade (atividades associadas ao hemisfério direito) permitem uma compreensão mais profunda dos fenómenos musicais e consequentemente um desenvolvimento mais eficaz das competências musicais (Chappell, 1999, pp. 254-258). No entanto, a realização destas tarefas utilizando também o instrumento, parece possibilitar a utilização de todo o cérebro, tal como refere o mesmo autor, com óbvias implicações positivas para o desenvolvimento musical das crianças.

Criatividade – Improvisar implica a articulação de competências relacionadas com o raciocínio musical, compreensão tonal, rítmica e harmónica e competências expressivas (Azzara, 1993, pp. 339-340). A inclusão do instrumento nas aulas de Iniciação Musical parece ter desenvolvido nos alunos um interesse por atividades diferentes. O resultado foi que os alunos passaram a incluir mais atividades de improvisação na sua prática em casa, talvez porque passaram a sentir-se capazes de realizar “coisas” no instrumento que fossem para lá das peças dadas pelo professor de instrumento.

Transferência da voz/corpo para o instrumento – Tal como foi referido no capítulo 2, vários autores defendem que aquilo que os alunos são capazes de executar no instrumento é, em larga escala, o resultado de competências que tinham sido adquiridas e desenvolvidas com a voz ou com a percussão corporal (Dalby, 1999, pp. 22-25; Leenman, 1997, p. 6; Parsonage, et al., 2007, p. 306). Esta transição é, na maior parte das vezes, feita sem qualquer tipo de orientação formal. No entanto, a inclusão de instrumentos na aula de Iniciação Musical permitiu ajudar os alunos a transferir competências vocais e físicas para a execução no instrumento (Duke, 2005, pp. 139, 150-152). Desta forma, ocorreu como que um reforço da aprendizagem, considerando que Pratt (1998) defende que quando um padrão é explorado através de exercícios tocados o reconhecimento auditivo desse padrão é reforçado (em Ward, 2007, p. 25).

Portanto, o tipo de atividades realizadas com o instrumento nas aulas de Iniciação Musical parece ter ido de encontro ao que tem sido publicado por investigadores na área da aprendizagem musical. Assim, a utilização do instrumento na aula de Iniciação Musical parece ser uma boa forma de ajudar os alunos de Iniciação Musical a desenvolverem competências

musicais e instrumentais, e parece ser um excelente recurso para fazer aumentar os níveis de motivação dos alunos.

5.3 Considerações sobre o projeto de investigação

A motivação manifesta-se e condiciona o comportamento e atitude dos alunos em vários aspetos. Alunos mais motivados que demonstraram mais disponibilidade para trabalhar, maior concentração nas tarefas, mais à vontade em situações de *performance* e maior interesse sobre atividades que envolvam tocar. Poderemos assim dizer que ocorreram mudanças positivas e relativamente significativas com a realização deste projeto.

No entanto, apesar destes resultados positivos, este projeto de investigação tem limitações, sobretudo ao nível do número de participantes e período temporal que incluiu. Desta forma, os resultados obtidos não são passíveis de ser generalizáveis só por si. Por outro lado, e pese o facto de este ser um estudo exploratório, trabalhar com um grupo de controlo poderia ter ajudado a refinar os resultados, reforçando ou contrariando os resultados obtidos com este grupo de participantes.

Apesar disso, os resultados obtidos neste estudo podem indicar novas direções para o ensino da Formação Musical/Iniciação Musical e suscitar uma reflexão sobre os objetivos destas disciplinas no contexto do ensino especializado de música, levando em conta o papel central da aprendizagem instrumental para este tipo de ensino.

6. Conclusão

Considerando que no ensino especializado da música o processo de aprendizagem tem como ponto central a aprendizagem do instrumento, e esperando-se que as restantes disciplinas contribuam para a aprendizagem instrumental, procurou-se perceber nesta dissertação que impacto a utilização do instrumento dos alunos na aula de Iniciação Musical teria ao nível da motivação.

Os resultados indicaram um aumento nos níveis de motivação dos alunos, observado no sentimento mais forte que passaram a ter relativamente ao instrumento e no maior prazer em tocar o instrumento em casa. Adicionalmente, os alunos demonstraram melhorias no seu desempenho nas aulas e no trabalho realizado em casa, e ainda os seus níveis de auto-eficácia relativamente à *performance*.

Este estudo foi realizado com um grupo de participantes pequeno e no âmbito da Iniciação Musical e por isso não permite uma generalização dos resultados. Com o objetivo de tornar estes resultados mais abrangentes, no futuro, seria interessante: repetir o estudo alargando a participação a um grupo mais alargado de alunos, a inclusão de outros níveis de ensino, médios e mais avançados; utilizando um grupo de controlo; ou ainda envolvendo os professores de instrumento ativamente no processo para monitorizar a evolução dos alunos de forma mais progressiva e detalhada.

A elaboração de projetos de investigação futuros com estas características contribuirá para o aprofundar do debate sobre esta temática e, comprovando-se os resultados obtidos neste estudo, melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos e aproximar o ensino às suas necessidades e às especificidades do instrumento que tocam.

Bibliografia

- Altenmüller, E., & Gruhn, W. (2002). Brain Mechanisms. In R. Parncutt (Ed.), *The Science and Psychology of Music Performance: Creative Strategies for Teaching and Learning* (pp. 63-82). New York: Oxford University Press.
- Azzara, C. D. (1993). Audiation-Based Improvisation Techniques and Elementary Instrumental Students' Music Achievement. *Journal of Research in Music Education*, 41(4), 328-342.
- Bates, V. C. (2009). Human Needs Theory: Applications for Music Education. *Action, Criticism and Theory for Music Education*, 8(1), 12-34.
- Bertram, D. (2009). *Likert Scales*. Belgrade: The Faculty of Mathematics - University of Belgrade.
- Burnsed, V., & Fiocca, P. (1990). Bringing general music techniques to the instrumental class. 76(6), 1-5.
- Cardoso, F. (2007). Papel da Motivação na Aprendizagem de um Instrumento. *APEM*, 127, 8-11.
- Cardoso, F. (2008). A Formação Musical no ensino especializado. Apontamentos da Unidade Curricular de Técnicas da Formação Musical I. Lisboa, ESML.
- Cardoso, F. (2009). Metacognição. Apontamentos da Unidade Curricular de Psicopedagogica. Lisboa, ESML.
- Cardoso, F. (2010). Motivação - Teoria do Fluxo. Apontamentos da Unidade Curricular de Psicopedagogica. Lisboa, ESML.
- Cardoso, F. (2012). *Optimal Teaching Experiences as Expression of Effective Instrumental Teaching*. Institute of Education. London, University of London. **PhD**.
- Cavedal, J. P. (2005). Teorias Contemporâneas da Aprendizagem Motivação. *Integração VIII*, 57, 37-39.
- Chappell, S. (1999). Developing the complete pianist: a study of the importance of a whole-brain approach to piano teaching. *British Journal of Music Education*, 16, 253-262.

- Crano, W. D., & Brewer, M. B. (2002). *Principles and Methods of Social Research*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dalby, B. (1999). Teaching Audiation in Instrumental Classes. *Music Educators Journal*, 85, 22-25.
- Daniel, R. (2006). Exploring music instrument teaching and learning environments: video analysis as a means of elucidating process and learning outcomes. *Music Education Research*, 8(2), 191-215.
- Duke, R. A. (2005). *Intelligent Music Teaching*. Austin: University of Texas.
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using SPSS*. London: SAGE Publications.
- Galvao, A., & Kemp, A. (1999). Kinaesthesia and Instrumental Music Instruction: Some Implications. *Psychology of Music*, 27, 129-137.
- Gaunt, H. (2009). One-to-one tuition in a conservatoire: the perceptions of instrumental and vocal students. *Psychology of Music*, 36(1), 1-31.
- Gibson, W. (2009). Transcription. London, Institute of Education.
- Gonçalves, C. d. A., Santos, M. F., & Cruz, C. B. d. (2003). Licenciatura em Música Variante Formação Musical. Avaliação Interna/2003. Lisboa, ESML.
- Grashel, J. (1993). An Integrated Approach: Comprehensive Musicianship. *Music Educators Journal*, 79(8), 38-41.
- Gray, D. E. (2004). *Doing Research in the Real World*. London: SAGE Publications.
- Gruhn, W., & Rauscher, F. (2002). The Neurobiology of Music Cognition and Learning. In R. Colwell & C. Richardson (Eds.), *The New Handbook of Research on Music Teaching and Learning* (pp. 445-460). Oxford: Oxford University Press.
- Halcomb, E. J., & Davidson, P. M. (2006). Is verbatim transcription of interview data always necessary? *Applied Nursing Research*, 19, 38-42.
- Hallam, S. (1998). *Instrumental Teaching: A practical Guide to Better Teaching and Learning*. Oxford: Heinemann. Oxford: Heinemann Educational.

- Hallam, S. (2002). Musical Motivation: towards a model synthesising the research. *Music Education Research*, 4(2), 225-244.
- Johns, R. (2010). Likert items and scales. *Survey Question Bank: Methods Fact Sheet 1*, 1-11
- Johnson, R. B., & Onwuegbuzie, A. J. (2004). Mixed Methods Research: A Research Paradigm Whose Time Has Come. *Educational Researcher*, 33(7), 14-26.
- Kemp, A. E., & Mills, J. (2002). Musical Potential. In R. Parncutt & G. McPherson (Eds.), *The science and psychology of music performance: Creative strategies for teaching and learning* (pp. 3-14). New York: Oxford University Press.
- Leenman, T. E. (1997). Singing in Instrumental Class. *Music Educators Journal* 83, 6.
- McKeachie, W. J. (1983). National Symposium on the Applications of Psychology to the Teaching and Learning of Music: Session 3, Motivation and Creativity. *American Psychologist*, 38(7), 855-857.
- O'Neill, S. A., & McPherson, G. E. (2002). Motivation. In R. Parncutt & G. E. McPherson (Eds.), *The science and psychology of music performance: Creative strategies for teaching and learning* (pp. 31-46). New York: Oxford University Press.
- Palmer, C., & Drake, C. (1997). Monitoring and Planning Capacities in the Acquisition of Music Performance Skills. *Canadian Journal of Experimental Psychology*, 51(4), 369-384.
- Parsonage, C., Fadnes, P. F., & Taylor, J. (2007). Integrating theory and practice in conservatoires: formulating holistic models for teaching and learning improvisation. *B. J. Music*, 24(3), 295-312.
- Priest, P. (1996). Putting Listening First: A Case of Priorities. In G. Spruce (Ed.), *Teaching Music* (pp. 206-215). London & New York: Routledge.
- Robson, C. (2002). *Real World Research: A Resource for Social Scientists and Practitioner-Researchers* (Second Edition ed.). Oxford: Blackwell Publishing.

- Schmidt, C. P. (2005). Relations among Motivation, Performance Achievement, and Music Experience Variables in Secondary Instrumental Music Students. *Journal of Research in Music Education*, 53(2), 134-147.
- Sichivitsa, V. O. (2007). The influences of parents, teachers, peers and other factors on students' motivation in music. *Research Studies in Music Education*, 29, 55-65.
- Sloboda, J. (1994). What Makes a Musician? *EGTA Guitar Journal*(5), 18-22.
- Tillmann, B., Bharucha, J., & Bigand, E. (2000). Implicit Learning of Tonality: A Self-Organizing Approach. *Psychological Review*, 107(4), 885-913.
- Vogt, K. M. (2009). *Desiring the Good: A Socratic Reading of Aristotle*. Paper presented at the Colloquium. Penn University: 1-7.
- Ward, V. (2007). Teaching musical awareness: The development and application of a "toolkit" of strategies for instrumental teachers. *B. J. Music*, 24(1), 21-36.
- Zatorre, R. (2005). Music, the food of neuroscience? *Nature Internacional weekly journal of science* 434, 312-315.
- Zdzinski, S. F. (1996). Parental Involvement, Selected Student Attributes, and Learning Outcomes in Instrumental Music. *Journal of Research in Music Education*, 44(1), 34-48.

Anexos

Anexo 1 – Transcrições das Entrevistas

Entrevista 1

Academia de Música de Almada, 3 de novembro de 2010

Aluno 1 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'57'']

Entrevistador – Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo tocas piano?

Aluno – Estou no segundo ano de piano.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Vou dar-te quatro opções: gostas mesmo mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito.

Entrevistador – Ok. E quanto é que gostas de tocar nas aulas? Mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Pausa) gosto muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito.

Entrevistador – Ok. Diz-me, quando vais estudar é porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Às vezes é quando me apetece e às vezes a minha mãe obriga-me.

Entrevistador – Ok. Que coisas fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já tinhas aprendido e já sabes muito bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Faço todas as coisas.

Entrevistador – E qual delas é que gostas mais de fazer?

Aluno – De inventar.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que estudas em casa?

Aluno – (acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Sim? Ok. Diz-me, quando consegues fazer alguma coisa no piano porque achas que é? Porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno - (Hesita e desvia o olhar) Acho... que me esforço.

Entrevistador – Não é porque tens muito jeito, por exemplo?

Aluno – Eu tenho muito jeito e... (pausa) tenho muito jeito sim.

Entrevistador – Achas que é porque tens jeito? Mas também te esforças? Há bocado disseste que era porque te esforçavas.

Aluno – As duas coisas.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor disse? O que ficas a pensar? “não tenho jeito nenhum, não tenho talento nenhum, não me esforcei o suficiente, não estudei o suficiente”.

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estas a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para mim e para os meus pais... e para o meu irmão.

Entrevistador – Mas gostas mais de tocar só para ti ou gostas mais que eles te ouçam a tocar?

Aluno – Que eles me ouçam a tocar.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 2

Academia de Música de Almada, 4 de novembro de 2010

Aluno 2 – aluno de Iniciação Musical 2 [5'05'']

Entrevistador – Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender?

Aluno – Comecei este ano, quando cheguei a esta escola.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Vou dar-te quatro opções, para escolheres uma: gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito muito.

Entrevistador – Quanto é que gostas de tocar na aula de piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito, muito, muito, muito.

Entrevistador – Ok. E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito, muito, muito, só que como não tenho piano lá em casa toco no órgão.

Entrevistador – Ok. Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Como tenho a semana muito atarefada, às vezes quando me esqueço a mãe pergunta-me: “[Aluno 2] estudaste?” e eu digo “oh! Esqueci-me”. [a mãe responde] “Então amanhã vais estudar”. Outras vezes quando chego da escola vou estudar.

Entrevistador – O que acontece mais vezes? A mãe mandar-te ou ires tu?

Aluno – As duas coisas igual.

Entrevistador – Quando estás em casa, que coisas fazes quando estás a tocar? Vou dar-te 4 opções: tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já tinhas aprendido e já sabes muito bem, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas diferentes?

Aluno – Eu toco o que o professor pede e quando o pai acha que já está bom, eu toco um bocadinho à minha maneira, as outras músicas.

Entrevistador – As outras músicas que já sabes bem?

Aluno – Sim, e que eu gosto.

Entrevistador – Ok. E o que é que gostas mais de fazer? Tocar as músicas que o professor pediu ou as outras que já sabes bem?

Aluno – O que o professor pediu.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que estudas em casa?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, quando consegues fazer alguma coisa no piano achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito, porque me esforço... e por mais nada.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor te pediu? Achas que é porque não tens jeito, porque não tens talento, porque não te esforçaste o suficiente ou porque não estudaste o suficiente?

Aluno – Deve ter sido porque não estudei o suficiente.

Entrevistador – Achas que já consegues tocar melhor do que tocavas no início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas mais de tocar só para ti?

Aluno – De tocar só para mim. (pausa) Mas depois tenho que chamar o pai para ele ver uma vez se está bem.

Entrevistador – Está bem. Obrigada.

Entrevista 3

Academia de Música de Almada, 4 de novembro de 2010

Aluno 3 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'55'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Viola clássica

Entrevistador – Tocas guitarra clássica?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Há quanto tempo tocas guitarra?

Aluno – Só comecei neste mês [início do ano letivo]

Entrevistador – Quanto é que gostas da guitarra? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto da primeira.

Entrevistador – Gostas de tocar nas aula de guitarra, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito. Muito muito muito muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito muito muito.

Entrevistador – Quando vais tocar guitarra é porque te apetece ou alguém te obriga?

Aluno – Sou eu que vou estudar. Tenho a minha obrigação de estudar.

Entrevistador – O pai e a mãe nunca te mandam estudar?

Aluno – Só quando eu estou a fazer os trabalhos de casa, a minha mãe manda-me fazer um intervalo para tocar guitarra.

Entrevistador – E o que é que acontece mais vezes? A mãe mandar-te ir tocar ou ires tu tocar guitarra?

Aluno – Sou eu que vou tocar guitarra.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa, que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas que já sabes muito bem...

Aluno – (interrompe) Eu toco o que o professor manda e às vezes ainda toco umas que eu já sei muito.

Entrevistador – E costumavas inventar músicas?

Aluno - Não.

Entrevistador – Gostas mais de tocar o que o professor te pede, ou essas músicas que já sabes bem?

Aluno – O que o professor me pede.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim (expressão de dúvida).

Entrevistador – Então?

Aluno – Eu não sei (sorri).

Entrevistador – Ele costuma dizer-te: “[Aluno 3] estudaste pouco, isto ainda não está bem!”

Aluno – Não, não.

Entrevistador – Então fica satisfeito com o que tu fizeste?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Quando consegues tocar alguma coisa no teu instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Hum... Essa não sei responder.

Entrevistador – Achas que tens muito jeito e por isso consegues, ou consegues porque estudas?

Aluno – Acho que é porque estudo.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor pede? Achas que é porque não tens talento, não tens jeito, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Tudo o que não consigo faço todos os dias até conseguir.

Entrevistador – E quando demora mais tempo a conseguires fazer ou não consegues fazer bem achas, que é porquê?

Aluno – Porque preciso mais de estudar.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor do que tocavas no início?

Aluno – Acho que é a mesma coisa que antes.

Entrevistador – Achas que tocas igual, ou tocas melhor?

Aluno – Toco igual.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para mim, nunca toquei em público.

Entrevistador – Nunca tocaste para os teus pais e irmãos?

Aluno – Irmãos só tenho a minha irmã e a minha irmã mais nova. Os meus pais só às vezes é que vêm ter comigo.

Entrevistador – E o que gostas mais? Que eles te ouçam, ou de tocar sozinho?

Aluno – Gosto mais de tocar sozinho.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 4

Academia de Música de Almada, 4 de novembro de 2010

Aluno 4 – aluno de Iniciação Musical 2 [5'20'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo tocas piano?

Aluno – Há um mês.

Entrevistador – Isso foi este ano. Em que ano andavas na escola quando começaste?

Aluno – Andava na pré.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Eu gosto muito.

Entrevistador – E gostas de tocar nas aulas de piano, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum, muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Pausa) muito.

Entrevistador – Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – A minha mãe obriga-me, e às vezes eu quero ir.

Entrevistador – O que é que acontece mais vezes? A mãe mandar-te ou ires tu?

Aluno – Sou eu a ir.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor te pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, inventas músicas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco o que o professor pede e toco outras músicas antigas.

Entrevistador – E qual delas é que gostas mais de fazer?

Aluno – É o que o professor pede.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que estudas em casa?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, quando consegues fazer alguma coisa no piano porque achas que é?

Porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Acho que é porque gosto muito e tenho um pouquinho de jeito para o piano.

Entrevistador – E quando não consegues alguma coisa que o professor te pede? Ficas a pensar que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador – Qual das duas coisas é que gostas mais? Para os amigos e para os pais ou só para ti?

Aluno – Para os amigos.

Entrevistador – Gostas que te oiçam a tocar então?

Aluno – (Mexe a cabeça, indicando “sim” timidamente)

Entrevistador – Sim? Sim ou não?

Aluno - Sim

Entrevistador – Ok, era só isto. Obrigada.

Entrevista 5

Academia de Música de Almada, 4 de novembro de 2010

Aluno 5 – aluno de Iniciação Musical 2 [3'20'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender piano?

Aluno – Para aí há 3 anos.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito.

Entrevistador – E gostas de tocar nas aulas de piano, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – E em casa, gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Nada.

Entrevistador - Então quando vais tocar piano em casa é porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Porque alguém me obriga.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa que tipo de coisas fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que inventas ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco o que a professora me manda.

Entrevistador – A professora fica contente com o que estudas em casa?

Aluno – Mais ou menos.

Entrevistador – Quando consegues fazer alguma coisa no piano porque achas que é? Porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque tenho jeito.

Entrevistador – E quando não consegues fazer pensas que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 6

Academia de Música de Almada, 11 de Novembro de 2010

Aluno 6 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'13'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Violino.

Entrevistador – Há quanto tempo tocas violino?

Aluno – Faz o 3º ano.

Entrevistador – Quanto é que gostas do violino? Vou dar-te quatro opções: gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto mesmo muito muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas, gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Quando vais estudar, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Porque me apetece.

Entrevistador – O pai não te manda ir tocar?

Aluno – Manda.

Entrevistador – Mas vais mais vezes tu por tua iniciativa ou é o pai que te manda mais vezes?

Aluno – É o pai que me manda mais vezes.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco músicas que eu invento, toco músicas velhas e toco o que o professor manda.

Entrevistador – E qual dessas coisas gostas mais de fazer?

Aluno – Hum... tocar as músicas que eu invento.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Quando consegues fazer alguma coisa no teu instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito.

Entrevistador – E quando não consegues fazer aquilo que o professor te pede? Pensas que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Que não estudei o suficiente e vou voltar a estudar.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas mais de tocar sozinho, só para ti?

Aluno – Sozinho.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 7

Academia de Música de Almada, 13 de novembro de 2010

Aluno 7 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'15'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Violino

Entrevistador – Estás a aprender há quanto tempo? (pausa) Lembras-te quando começaste?

Aluno – O ano passado.

Entrevistador – E quanto é que gostas do violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E gostas de tocar nas aulas de violino mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo muito muito.

Entrevistador – Olha, quando vais estudar em casa é porque te apetece ou porque alguém de obriga?

Aluno – É porque me apetece.

Entrevistador – Quando estás a tocar que tipo de coisas fazes? Tocas o que o professor te pede, tocas músicas antigas que já aprendeste e já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco o que o professor me pede.

Entrevistador – O teu professor fica contente com o que tu estudas? Quando vais para a aula ele fica satisfeito com o que estudaste em casa?

Aluno – (encolhe os ombros) Não sei.

Entrevistador – Ele costuma dizer-te que precisas de estudar mais, ou que estudaste pouquinho?

Aluno – Não.

Entrevistador – Ok. Olha, quando consegues fazer alguma coisa no violino achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Não sei.

Entrevistador – E o que é que tu achas, pensa lá. Quando consegues tocar alguma coisa é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor disse? O que ficas a pensar? Que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Ainda não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Um bocadinho.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti, mais sozinha?

Aluno – Mais sozinha.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 8

Academia de Música de Almada, 13 de novembro de 2010

Aluno 8 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'48'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender piano?

Aluno – Hum... Este deve ser o 4º ano.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto de tocar.

Entrevistador – Qual destas hipóteses? Tens que escolher.

Aluno – Hum... Muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas de piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Isso gosto mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Pouco.

Entrevistador – Quando vais estudar piano em casa é porque te apetece ou porque alguém te manda ir estudar?

Aluno – De vez em quando é porque me apetece, de vez em quando é porque o meu pai me manda.

Entrevistador – O que é que acontece mais vezes?

Aluno – Acho que sou eu que vou mais vezes porque gosto de brincar no piano às vezes. E de criar canções.

Entrevistador – É isso que te vou perguntar. Que tipo de coisas fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já tinhas aprendido e já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Primeiro toco músicas que invento, depois... faço o que o professor me manda e depois sim é que toco músicas que gosto de tocar porque já aprendi antes.

Entrevistador – E qual das 3 coisas é que gostas mais de fazer?

Aluno – De inventar.

Entrevistador – Ok. Olha, o teu professor de piano...

Aluno – (interrompe) Ou de descobrir o ritmo.

Entrevistador – Está bem. O teu professor de piano fica contente com o que estudas?

Aluno – Penso que mais ou menos.

Entrevistador – Ok. Quando consegues fazer alguma coisa no piano achas que é porque tens jeito, porque tens talento, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor disse? O que ficas a pensar? Que não tens talento, não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Que tenho que estudar mais porque... porque não me esforcei bastante.

Entrevistador – Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Diz-me uma coisa, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Para os meus familiares.

Entrevistador – Gostas de tocar com pessoas a ouvir-te então?

Aluno – Hum Hum [Sim]. Estou sempre a pedir aos meus pais para me virem ouvir mas eles têm trabalhos e tal.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 9

Academia de Música de Almada, 13 de novembro de 2010

Aluno 9 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'22'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Bateria.

Entrevistador – Tocas percussão?

Aluno – Sim, mas nunca toquei noutra coisa, só em bateria.

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender?

Aluno – Isso é que não sei. Há um mês.

Entrevistador – Começaste este ano, no início das aulas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Quanto é que gostas do teu instrumento? Vou dar-te quatro opções: gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto de tocar mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Quando vais estudar bateria, vais porque te apetece ou alguém te obriga?

Aluno – Porque a minha mãe me manda.

Entrevistador – É sempre ela que te manda ir estudar?

Aluno – Às vezes eu escolho que queria ir tocar bateria, quando não há nada para fazer.

Entrevistador – O que é que acontece mais vezes? A mãe mandar-te ou ires tu?

Aluno – A mãe mandar-me.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa, que tipo de coisas fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas?

Aluno – Faço o que o professor me manda.

Entrevistador – E o professor fica contente com o que estudas normalmente?

Aluno – Mais ou menos.

Entrevistador – Quando consegues fazer uma coisa no instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor disse? O que ficas a pensar? “não tenho talento nenhum, não tenho jeito nenhum, não me esforcei o suficiente, não estudei o suficiente”.

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor em relação ao início do ano?

Aluno – (Mexe a cabeça) [Sim]

Entrevistador – Sim? Tu gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Mais só para mim.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 10

Academia de Música de Almada, 18 de Novembro de 2010

Aluno 10 – aluno de Iniciação Musical 2 [3'40'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Violino

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender violino?

Aluno – Há uns mesitos.

Entrevistador – Começaste no início deste ano não foi?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Quanto é que gostas do violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas de violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito

Entrevistador – Ok. Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – A maior parte das vezes [às vezes] mandam-me, a maior parte das vezes [outras vezes] apetece-me.

Entrevistador – O que é que acontece mais vezes? O pai ou a mãe mandam-te ou vais tu porque queres?

Aluno – É mais vezes o pai e a mãe que me mandam estudar.

Entrevistador – Olha, que tipo de coisas fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco coisas que os 2 professores de violino mandam.

Entrevistador – O professor de violino e o da classe de conjunto?

Aluno – Sim.

Entrevistador – O teu professor de violino fica contente com o que estudas?

Aluno – Mais ou menos.

Entrevistador – Quando consegues fazer uma coisa no violino porque achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Acho que é porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer alguma coisa? Achas que é porque não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Achas que estás a conseguir tocar melhor em relação ao início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Para os meus amigos nunca toquei, mas gosto de tocar para os meus pais.

Entrevistador – Gostas mais de tocar para eles ou de tocar sozinho?

Aluno – De tocar para eles.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 11

Academia de Música de Almada, 20 de novembro de 2010

Aluno 11 – aluno de Iniciação Musical 2 [5'05'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Piano.

Entrevistador – Há quanto tempo tocas piano?

Aluno – Há 4 ou 5 anos.

Entrevistador – Mas vieste para cá no ano passado não foi?

Aluno – Foi.

Entrevistador – Quanto é que gostas do piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas de piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito muito, mesmo muito.

Entrevistador – E em casa? Gostas de tocar mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito muito muito.

Entrevistador – Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Porque me apetece ir treinar um bocadinho.

Entrevistador – Nunca é o pai ou a mãe que te mandam ir estudar?

Aluno – Hum... Às vezes são os dois que me mandam ir estudar, mas às vezes ou eu que me lembro do piano e vou lá tocar.

Entrevistador – E o que é que acontece mais vezes? Eles mandarem-te ou tu lembrares-te de ir?

Aluno – Eu lembrar-me do piano.

Entrevistador – Ok. Quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, fazes outras coisas?

Aluno – Toco tudo o que tu disseste.

Entrevistador – E qual delas é que gostas mais de fazer?

Aluno – Eu tenho lá umas músicas do piano e também toco isso.

Entrevistador – Mas não foi o professor de piano que te deu para tocares?

Aluno - (Mexe a cabeça) [não].

Entrevistador – Então são músicas que tu escolhes e vais tocar?

Aluno – (Mexe a cabeça) [sim].

Entrevistador – E inventas alguma coisa?

Aluno – Uma coisinha ou outra.

Entrevistador – Então o que fazes mais vezes é ir tocar outras coisas?

Aluno – É.

Entrevistador – Músicas que já aprendeste?

Aluno – Que ainda não aprendi, mas que já sei um bocadinho tocar.

Entrevistador – Como é que aprendeste? Ouviste e foste procurar no piano, consegues ler?

Aluno – Foi o pai que me ensinou.

Entrevistador – O pai também toca piano?

Aluno – Não. Quando era pequenino tocava acordeão, mas agora sabe tocar piano.

Entrevistador – O teu professor de piano fica contente com o que estudas normalmente?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Diz-me uma coisa, quando consegues fazer alguma coisa no piano achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor disse? O que ficas a pensar? Que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Que não estudei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor em relação ao início do ano?

Aluno – Sim, porque agora... já me ensinou a marchar com os dedos, o lápis e a desligar e a ligar (faz movimentos com as mão como se estivesse a tocar), então já estou a começar a tocar melhor.

Entrevistador – Ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Para os meus pais.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 12

Academia de Música de Almada, 25 de novembro de 2010

Aluno 12 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'15'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas. Estás à vontade para dizeres o que quiseres.

(pausa) Que instrumento tocas?

Aluno – Violino.

Entrevistador – Há quanto tempo estás a aprender?

Aluno – Eu não sei, mas acho que é há 2 meses.

Entrevistador – Começaste este ano não foi?

Aluno – Foi.

Entrevistador – Olha, quanto é que gostas do violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto mesmo muito.

Entrevistador – E de tocar nas aulas de violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – E de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Pouco.

Entrevistador – Quando vais estudar, vais porque te apetece ou porque alguém te obriga?

Aluno – Porque... (pausa) obriga.

Entrevistador – É a mãe que te manda ir estudar?

Aluno – Não, não é a mãe, mas a professora quer mesmo que nós estudemos.

Entrevistador – Mas quando estás em casa és tu que decides ir tocar porque tens que estudar, ou é a mãe que te manda ir tocar?

Aluno – É a mãe.

Entrevistador – Quando estás a tocar em casa que coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas ou tocas outras coisas?

Aluno – Toco músicas que a professora me dá para estudar. Já sei fazer algumas músicas ou uma música que já fiz muito bem.

Entrevistador – Também tocas essas músicas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E inventas alguma coisa?

Aluno – Hum... Não.

Entrevistador – E o que é que gostas mais de fazer? De tocar o que o professor pede ou essas músicas que já sabes bem?

Aluno – Tocar o que o professor pede.

Entrevistador – O teu professor fica contente com aquilo que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Quando tu consegues fazer alguma coisa no instrumento achas que é porquê? Porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque esforço-me.

Entrevistador – E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor pediu? Ficas a pensar que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste, que não estudaste o suficiente?

Aluno – Primeiro leio as notas, depois vou tentar uma vez, se tiver mal toco muitas vezes até eu conseguir.

Entrevistador – Imagina que não consegues por algum motivo? O que ficas a pensar? Que não tens jeito, que não tens talento, que não te esforçaste, que não estudaste o suficiente ainda?

Aluno – Que não estudei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor desde o início do ano?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, tu gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador – Preferes que te estejam a ouvir do que toques sozinha?

Aluno – Sim. Quer dizer, primeiro faço sozinha para treinar, depois quando eu achar que está melhor vou lá ao quarto deles fazer a música. Se a minha mãe vir que está melhor, arrumo o violino.

Entrevistador – Mas gostas mais que eles te ouçam, ou não gostas?

Aluno – Gosto que eles me ouçam.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 13

Academia de Música de Almada, 24 de março de 2011

Aluno 1 – aluno de Iniciação Musical 2 [3'30'']

Entrevistador – Vou voltar a fazer-te algumas perguntas. Quanto é que gostas do teu instrumento? Mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito.

Entrevistador – Da primeira vez que te perguntei também me disseste mesmo mesmo muito. Gostas igual ou gostas ainda mais?

Aluno – Gosto ainda mais.

Entrevistador – Ok. E de tocar nas aulas de instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Hesita...) mesmo muito muito. A mesma coisa.

Entrevistador – Da outra vez disseste o mesmo. (Aluna ri-se) Gostas o mesmo ou ainda mais?

Aluno – O mesmo.

Entrevistador – E de usar o instrumento na aula de Iniciação Musical à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito (encolhe os ombros).

Entrevistador – E de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum... Mesmo muito muito.

Entrevistador – Gostas mais do que da outra vez?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, em casa vais estudar porque te apetece ou porque alguém te pede para ires estudar?

Aluno – Porque me apetece e às vezes a professora manda.

Entrevistador – Não é a mãe que te diz?

Aluno – Não, a mãe está sempre a trabalhar.

Entrevistador - Ok. Olha, quando estás a tocar em casa, que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, inventas músicas, ou fazes outras coisas diferentes?

Aluno – O que o professor pede e músicas antigas.

Entrevistador – E o que é que gostas mais de fazer?

Aluno – Hum. Das músicas antigas.

Entrevistador – O professor de piano fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, quando consegues fazer alguma coisa no piano achas que é porque tens talento, porque tens muito jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Acho que é porque estudo muito.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa, o que ficas a pensar? Que não tens jeito nenhum, não tens talento nenhum, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E porquê? Porque estudas mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Porque estudo mais.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes tocar só para ti?

Aluno – Para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador – O que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos o instrumento?

Aluno – Gostei muito. Achei muito bem.

Entrevistador – Gostaste mais do que das aulas em que não usamos?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E porque achas que é?

Aluno – Porque aprendo mais música. Porque... antes não pensava que era assim, que usamos o instrumento cá nesta aula. Estou a gostar muito.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 14

Academia de Música de Almada, 19 de março de 2011

Aluno 2 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'13'']

Entrevistador - Vou-te fazer algumas perguntas como da outra vez. Quanto é que gostas do teu instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo muito.

Entrevistador – Da outra vez também disseste mesmo mesmo muito. Gostas igual? Gostas mais?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Igual ou mais?

Aluno – Igual.

Entrevistador – Olha, e de tocar nas aulas de instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo muito muito.

Entrevistador – Da outra vez também disseste isso. Gostas igual então?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E de usar o instrumento, o piano, na aula de Iniciação Musical, à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Pausa e olha para o teto) Hum... Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Ok. E gostas de tocar em casa mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Ok. Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te pede?

Aluno – Às vezes é porque me apetece outras vezes têm que ser os pais a dizer.

Entrevistador – O que acontece mais vezes? És tu que te lembras ou são eles que te pedem para ires tocar?

Aluno – As duas iguais.

Entrevistador – Olha, que tipo de coisas fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor de piano pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas diferentes?

Aluno – Toco o que o professor pede. Depois toco um bocadinho de músicas antigas e depois invento músicas.

Entrevistador – Olha, e qual dessas coisas gostas de fazer mais?

Aluno – Bem, deixa cá pensar... (olha para o teto) Hum... De tocar o que o professor manda.

Entrevistador – E o professor fica contente com o que tu estudas normalmente?

Aluno – Fica (acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Olha, quando consegues fazer uma coisa no piano achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito, porque me esforço... e qual foi a outra coisa que tu disseste?

Entrevistador – Qual das hipóteses. Se achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito. Qual dessas é?

Aluno – Porque estudo muito.

Entrevistador – Ok. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor te pediu, o que ficas a pensar? Ficas a pensar que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Que não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Porque estudei mais.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou mais só para ti?

Aluno – Para os meus pais.

Entrevistador – Preferes que os teus pais te ouçam a tocar?

Aluno – Sim. Só às vezes quando vão amigos lá a casa é que eu toco para eles.

Entrevistador – Então gostas de ter pessoas a ouvir-te, é isso?

Aluno - (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Ok. E o que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos o instrumento?

Em que vocês usaram os vossos instrumentos?

Aluno – Gostei.

Entrevistador – Gostaste? E porquê? Consegues dizer-me porquê?

Aluno – Porque...hum... Podemos tocar, tocamos músicas para os amigos. (Pausa) e não foste só tu a tocar.

Entrevistador – E o que é que achas dos exercícios que fizemos com os instrumentos?

Aluno – Hum... Fáceis.

Entrevistador – Fáceis?

Aluno – Sim.

Entrevistador - Mas achaste interessantes?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Gostaste de os fazer?

Aluno – Gostei.

Entrevistador – Hum, hum. Está bem. Ok, era só isto. Obrigada!

Entrevista 15

Academia de Música de Almada, 24 março de 2011

Aluno 3 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'05'']

Entrevistador – Vou-te fazer mais algumas perguntinhas como da outra vez, está bem?

Aluno – (Acena com a cabeça) Sim.

Entrevistador – Quanto é que gostas do teu instrumento, da guitarra? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito. Tu da outra vez também disseste que gostavas mesmo mesmo muito. Gostas mais do que da outra vez ou gostas igual?

Aluno – Gosto mais.

Entrevistador – Ok. Olha, e de tocar nas aulas de instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito muito muito.

Entrevistador – Da outra vez também disseste isso. Gostas ainda mais ou gostas igual?

Aluno – Ainda mais.

Entrevistador – Ok. Olha, e de usar a guitarra aqui na aula de Iniciação Musical? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Acena “mais ou menos” com as mão) muito, muito, só que um bocadinho mais baixinho.

Entrevistador – Então, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Ok. Olha, e de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito. Sabes que da outra vez disseste-me o mesmo?

Aluno – (Sorri e encolhe os ombros).

Entrevistador – E agora, gostas mais ou gostas igual à outra vez?

Aluno – Mais.

Entrevistador – Ok. Olha, quando vais estudar em casa é porque te apetece ou porque alguém te pede para ires estudar?

Aluno – É porque me apetece quando estou a fazer os trabalhos. A minha mãe manda-me, hum... Eu acabo os trabalhos da escola, tenho logo que fazer a seguir os trabalhos de música.

Entrevistador – De guitarra?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Mas fazes isso porque a mãe te pede ou o pai, ou és tu que vais porque sabes que tens que estudar, precisas de estudar?

Aluno – Acho que preciso de estudar, e para estudar tenho que aprender [para aprender tenho que estudar].

Entrevistador – Ok. Olha, que tipo de coisas é que fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes, inventas músicas, fazes outras coisas diferentes?

Aluno – Eu estudo, depois invento músicas... Não, eu estudo, depois vou atrás para ver todas as músicas...

Entrevistador – (Interrompe) Então estudas o que o professor te pede normalmente, é isso?

Aluno – Sim, e depois vou ver...

Entrevistador – (Interrompe) Tocas músicas que já sabias?

Aluno – Sim, e depois tento inventar algumas músicas.

Entrevistador – Também inventas. Ok. E qual dessas 3 coisas é que gostas mais de fazer?

Aluno – É inventar.

Entrevistador – Ok. Olha, e o teu professor fica contente com o que tu estudas em casa?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça e ombros).

Entrevistador – O que é que achas?

Aluno – Eu acho que ele fica.

Entrevistador – Olha, quando consegues fazer uma coisa no teu instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer alguma coisa, o que é que ficas a pensar? Que não tens talento, não tens jeito, não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente e continuo a estudar.

Entrevistador – Ok. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Sim? E Porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Acho que estudei mais.

Entrevistador – Hum, hum. Ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes tocar só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para mim. Nunca toquei para os meus pais (encolhe os ombros).

Entrevistador – Ok. Olha, o que é que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos os vossos instrumentos?

Aluno – Achei giro, fazermos essa atividade.

Entrevistador – Achaste giro? Então, ao bocado disseste que gostaste muito.

Aluno – Hum.

Entrevistador – Porque é que achas que não gostaste muito muito muito?

Aluno – Eu gostei.

Entrevistador – Consegues explicar?

Aluno – Não. Acho que não consigo.

Entrevistador – Mas gostas quando eu te peço para fazeres alguma coisa na guitarra?

Aluno – Gosto.

Entrevistador – Preferes do que fazer só sem instrumentos, como costumamos fazer noutras aulas?

Aluno – Eu gosto de fazer as duas coisas. Para mim é igual (encolhe os ombros).

Entrevistador – É igual fazeres na guitarra ou fazeres de outra maneira?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Está bem. Ok. Pronto, era só isto. Obrigada.

Entrevista 16

Academia de Música de Almada, 19 de março de 2011

Aluno 4 – aluno de Iniciação Musical 2 [2'40'']

Entrevistador – Vou-te fazer umas perguntas como da outra vez, pode ser?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Quanto é que tu gostas do piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. E de tocar nas aulas de piano? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum, gosto muito... muito muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito? Ou só muito?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Só muito?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Olha, hum... e de utilizar o instrumento na aula de Iniciação Musical, à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito muito muito muito muito.

Entrevistador – Hum hum. E de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Muito. Olha, quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou vais porque alguém te pede?

Aluno – Porque alguém me pede.

Entrevistador – Olha, e quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor de piano te pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, inventas músicas...

Aluno – (Interrompe) Toco o que o meu professor pede e às vezes outras músicas antigas e invento.

Entrevistador – E qual dessas coisas é que gostas mais de fazer?

Aluno – Tocar antigas.

Entrevistador – Olha, e o professor de piano, fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Quando consegues fazer alguma coisa no instrumento, no piano, achas que é porque tens talento, porque tens jeito, é porque te esforças ou é porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer o que o professor te pediu, ou o que o professor disse, o que ficas a pensar? Ficas a pensar que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Que não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Ok. Achas que estas a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim? E achas que é porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Porque estudei muito.

Entrevistador – Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes tocar mais só para ti, sozinho?

Aluno – Para os meus amigos.

Entrevistador – Preferes que os teus amigos te ouçam?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Hum hum. Olha, o que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos os vossos instrumentos?

Aluno – Fixe.

Entrevistador – Gostaste?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E porquê? Consegues dizer-me porquê?

Aluno – Porque são muito divertidas e fazemos coisas muito divertidas.

Entrevistador – Então preferes usar o piano do que não usar, na aula de Iniciação?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Ok, era só isto. Obrigada.

Entrevista 17

Academia de Música de Almada, 24 de março de 2011

Aluno 5 – aluno de Iniciação Musical 2 [3'34'']

Entrevistador – Lembras-te que já te fiz umas perguntinhas uma vez? Vou-te só fazer mais algumas, está bem?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Olha, queria que me disseses quanto é que tu gostas do teu instrumento?

Aluno – Hum... Muito.

Entrevistador – Olha, e de tocar nas aulas de instrumento?

Aluno – (Interrompe) Também.

Entrevistador – Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Gostas muito. E de usar o instrumento aqui na aula de Iniciação? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Muito. E de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Às vezes não me apetece.

Entrevistador – E então, destas quatro qual achas que caracteriza melhor o que gostas de fazer: mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum... (hesita) não percebi.

Entrevistador – Gostas mesmo mesmo muito de tocar piano em casa, gostas muito, gostas pouco ou não gostas nada?

Aluno – hum... gosto... muito.

Entrevistador – Gostas muito de tocar em casa?

Aluno – Sim.

Entrevistador – hum hum. Olha, e quando vais estudar em casa é porque te apetece ou porque alguém te pede para ires estudar?

Aluno – Hum... é porque me apetece, às vezes apetece-me.

Entrevistador – Olha, e quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor te pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas diferentes?

Aluno – Hum, toco músicas antigas e toco as músicas que a professora me manda tocar.

Entrevistador – Ok. E qual dessas duas coisas é que gostas mais de fazer?

Aluno – Hum, de tocar o que a professora me manda.

Hum hum. Olha, e a professora fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Hum... sim, às vezes.

Entrevistador – Sim? Hum hum. Quando consegues fazer uma coisa no teu instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, achas que é porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Jeito.

Entrevistador – Tens jeito?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer alguma coisa o que é que ficas a pensar? Que não tens talento, que não tens talento, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente e não me esforcei.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Hum, sim.

Entrevistador – Sim? E Porquê? Achas que é porque estudaste mais, ou achas que é porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Porque estudei mais.

Entrevistador – Hum hum. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes tocar mais só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador - Preferes então que eles te ouçam a tocar, do que tocares sozinha?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Olha, e o que é que achaste das aulas aqui de Iniciação em que usamos o vosso instrumento?

Aluno – Hum... Gostei (encolhe os ombros).

Entrevistador – Gostaste? Gostaste mais do que as outras quando não usamos?

Aluno – Hum, sim, um bocadinho mais.

Entrevistador – Um bocadinho mais? Consegues dizer porquê?

Aluno – Hum (acena “não” com a cabeça).

Entrevistador – Não consegues dizer porquê? Foi porque gostas muito de tocar piano? Foi porque os exercícios eram mais engraçados?

Aluno – Porque... Porque gosto de tocar piano.

Entrevistador – Hum hum. Ok, é só isto. Obrigada.

Entrevista 18

Academia de Música de Almada, 26 de março de 2011

Aluno 6 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'03'']

Entrevistador – Olha, vou-te fazer algumas perguntas como da outra vez, lembras-te?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Ok. Olha, vais-me dizer então quanto é que tu gostas do teu instrumento?

Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno - Muito, muito. Mesmo muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito. Da outra vez disseste a mesma coisa, quando te fiz a mesma pergunta. E então, gostas igual é isso? Ou gostas mais?

Aluno – Gosto mais.

Entrevistador – Gostas ainda mais?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Hum hum. Olha, e de tocar nas aulas de violino, gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Muito. E de usar o instrumento na aula de Iniciação Musical, à quinta-feira?

Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E gostas de tocar em casa, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum... Mesmo muito muito.

Entrevistador – Hum hum. Olha, em casa quando vais estudar, vais porque te apetece ou vais porque alguém te pede?

Aluno – Porque me apetece.

Entrevistador – Sempre?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. Olha, e quando estás a tocar em casa que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – De vez em quando toco as músicas que o professor pede, depois as músicas antigas que costumo tocar mais, porque eu agora já só tenho uma música para estudar, por isso...

Entrevistador – E vais vendo as outras também.

Aluno – Sim.

Entrevistador – Está bem. E qual dessas coisas gostas mais de fazer?

Aluno – Tocar as coisas que inventei.

Entrevistador – Que inventas? Então também inventas.

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. O professor de violino fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. Olha, quando consegues fazer alguma coisa no instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito e porque tenho jeito.

Entrevistador – Achas que são as duas coisas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer alguma coisa, o que ficas a pensar? Que não tens talento, que não tens jeito, ficas a pensar que não te esforçaste o suficiente ou que ainda não estudaste o suficiente?

Aluno – Ainda não estudei o suficiente e que me tenho de esforçar mais.

Entrevistador – Ok. Achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim? E Porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Eu acho que é porque estudei mais.

Entrevistador – Hum hum. Olha, gostas de tocar para os teus amigos ou para os teus pais, ou preferes tocar só para ti?

Aluno – De vez em quando toco para os meus pais e para os meus amigos, mas eu gosto mais de tocar para mim.

Entrevistador – Hum hum. Olha, e o que é que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos o vosso instrumento?

Aluno – Achei giro.

Entrevistador – Gostaste?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Gostas mais de usar do que não usar?

Aluno – Gosto mais de usar.

Entrevistador – E porquê? Consegues dizer-me?

Aluno – (Olha para o teto, suspira e acena “não” com a cabeça) não.

Entrevistador – Não consegues dizer? Ok. E gostaste dos exercícios que fizemos em que usamos o instrumento?

Aluno – Sim (olha para o teto).

Entrevistador. Ok. Pronto, era só isto, obrigada.

Entrevista 19

Academia de Música de Almada, 25 de março de 2011

Aluno 7 – aluno de Iniciação Musical 2 [4'14'']

Entrevistador – Queria só fazer-te algumas perguntas como da outra vez, pode ser?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Olha, quanto é que tu gostas do teu instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Hum hum. Sabes, da outra vez também me disseste que gostavas mesmo mesmo muito. Gostas mais, ou gostas igual?

Aluno – Gosto muito mais (sorri).

Entrevistador – Gostas muito mais? Ok. Olha, e de tocar nas aulas de violino, gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto muito.

Entrevistador – Gostas muito? Ok. Olha, e de usar o instrumento na aula de Iniciação Musical à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (sorri e hesita) gosto muito.

Entrevistador – Gostas muito. Ok. Porquê? (pausa) Porque é que achas que gostas só muito?

Aluno – Não faço lá muitas coisas, por isso... gosto mais de fazer mais coisas.

Entrevistador – (Interrompe) Ah, ok. Já falamos. Olha, e gostas de tocar em casa mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo mesmo mesmo muito (sorri).

Entrevistador – Hum hum. Olha, então em casa, quando vais estudar, vais porque te apetece ou vais porque alguém de pede?

Aluno – Porque me apetece.

Entrevistador – Sempre?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Hum hum. Olha, e que tipo de coisas é que fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco os trabalhos de casa que o meu professor põe e outras músicas para me lembrar.

Entrevistador – Hum hum. E qual dessas coisas é que gostas mais de fazer?

Aluno – Gosto mais de tocar todas...

Entrevistador – Gostas mais de tocar as que já sabes bem?

Aluno – Todas.

Entrevistador – Então gostas de fazer as duas coisas igual, é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Não consegues dizer qual é que gostas mais de fazer? Se gostas mais de estudar aquilo que o professor de pediu na aula ou de tocar coisas que já sabes bem?

Aluno – Gosto de todas.

Entrevistador – Gostas de todas, ok. Olha, e o professor fica contente com o que tu estudas em casa?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, hum... quando consegues fazer uma coisa no instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me estudo muito e tento fazer...

Entrevistador – Porque te esforças, é isso?

Aluno – Sim. E estudo.

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer alguma coisa o que é que ficas a pensar? Que não tens talento, que não tens jeito nenhum, ou que não te esforçaste o suficiente ou não estudaste o suficiente?

Aluno – Não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Acho.

Entrevistador – Sim. E Porquê? Porque estudaste mais ou consegues aprender mais depressa?

Aluno – Hum. Estudo mais.

Entrevistador – Agora estudas mais?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes estudar sozinha, só para ti?

Aluno – Hum, só para mim. Não gosto com pessoas...

Entrevistador – Ok. E então o que é que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos o instrumento, diz-me lá. (pausa) Ao bocado estavas a dizer que tocavas pouquinho, era isso?

Aluno – Sim, por isso é que eu não gosto, por isso é que eu escolhi muito. Hum, mas... eu gosto.

Entrevistador – Mas quando tocavas, gostavas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Mas achavas que tocavas pouquinho, era isso? Querias fazer mais coisas ainda?

Aluno – Eu faço mais, estudo muito mais.

Entrevistador – Em casa sim, não é? Porque estás sozinha, és só tu, não é?

Aluno – Sim. Faço isso.

Entrevistador – Na aula de Iniciação é só às vezes, é só com algumas coisas.

Aluno – (Interrompe) Sim, [mas] já estou mais habituada a fazer mais coisas.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Mas na aula de Iniciação preferes usar o violino mas pouquinho, ou preferes então não usar?

Aluno – Usar pouquinho.

Entrevistador – Pronto, é só isto. Obrigada.

Entrevista 20

Academia de Música de Almada, 26 de março de 2011

Aluno 8 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'17'']

Entrevistador – Olha, vou-te fazer mais algumas perguntas. E agora vou-te perguntar outra vez quanto é que tu gostas do teu instrumento? Se gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (pausa, olha para o teto) Hum...

Entrevistador – Mesmo mesmo muito...

Aluno – (Interrompe) Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito. Olha, e de tocar nas aulas de instrumento? Mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – (Olha para o teto) Hum... (pausa)

Entrevistador – Diz lá sinceramente o que é que tu achas. Gostas de tocar nas aulas de instrumento mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Muito. Olha, e de utilizar o instrumento nas aulas de Iniciação à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E gostas de tocar em casa mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Muito. Olha, em casa quando vais estudar, vais porque te apetece ou porque alguém te pede para ires?

Aluno – Umas vezes porque me apetece, outras vezes porque alguém me pede.

Entrevistador – O que é que acontece mais vezes?

Aluno – Não sei, eu não conto as vezes.

Entrevistador – Ok. Olha, quando estás a tocar em casa, que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, coisas que tu inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Hum... Toco sempre o que o professor pede, mais alguma coisa.

Entrevistador – E essa mais alguma coisa é o quê? Coisa que tu inventas, outras coisas que já sabes tocar?

Aluno – Outras coisas que já sei tocar e coisas que invento.

Entrevistador – Ok. Olha, e qual delas é que gostas mais de fazer, dessas 3 coisas?

Aluno – Hum... de inventar. Mas às vezes também descubro canções.

Entrevistador – Ok. Olha, o teu professor fica contente com o que tu estudas? O professor de piano.

Aluno – Hum. Mais ou menos.

Entrevistador – Quando consegues fazer alguma coisa no instrumento, no piano, achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor te pede para fazeres? O que é que pensas? Que não tens talento, não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Não estudaste o suficiente. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim? E Porquê? Achas que é porque estudaste mais, ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Ultimamente tenho estudado mais.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou mais só para ti?

Aluno – Para os meus amigos.

Entrevistador – Preferes tocar para os teus amigos? Ok. Olha, e o que é que achaste das aulas de Iniciação em que usamos o instrumento?

Aluno – (Pausa) Hum, gosto muito de tocar.

Entrevistador – O que é que achaste?

Aluno – Achei divertido.

Entrevistador – Achaste divertido. Ok, era só isto. Obrigada.

Entrevista 21

Academia de Música de Almada, 26 de março de 2011

Aluno 9 – aluno de Iniciação Musical 4 [3'17'']

Entrevistador – Vou-te aqui fazer outra vez umas perguntinhas, está bem?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Então, quero que me digas agora, quanto é que tu gostas do teu instrumento?

Mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – E gostas de tocar nas aulas de instrumento: mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum... Muito.

Entrevistador – Muito. E de utilizar o instrumento na aula de Iniciação, à quinta-feira? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto pouco.

Entrevistador – Gostas pouco? E de tocar em casa?

Aluno – Muito muito (sorri).

Entrevistador – Ok. Em casa, quando vais estudar, é porque te apetece ou porque alguém te pede?

Aluno – Às vezes é porque me apetece outras vezes é porque alguém me pede.

Entrevistador – E o que é que acontece mais vezes? Sabes?

Aluno – Porque alguém me pede.

Entrevistador – Olha, quando estás a tocar em casa, que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas?

Aluno – O que o professor pede.

Entrevistador – O que o professor pede sempre. Só?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça) Às vezes invento algumas.

Entrevistador – Hum hum. Mas fazes mais o que o professor pede?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, e o professor fica contente com o que tu estudas?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Hum hum. Quando consegues fazer uma coisa no instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – E quando não consegues fazer, o que é que ficas a pensar? Que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Hum hum. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu fiz?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça) Sim.

Entrevistador – Sim? E porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Consigo aprender mais depressa.

Entrevistador – Hum hum, Ok. Olha, gostas de tocar mais para os teus amigos, para os teus pais, ou preferes tocar só para ti?

Aluno – Gosto de tocar para os meus amigos.

Entrevistador – Preferes que te oiçam a tocar então?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. Olha, então e o que é que achaste das aulas de Iniciação à quinta, em que usamos o instrumento?

Aluno – Quais são as opções?

Entrevistador – Não há opções. Quero que me digas o que é que achaste assim no geral.

Aluno – Gostei mais ou menos.

Entrevistador – Porquê? Consegues dizer-me?

Aluno – Não consigo é bem explicar, porque...hum...porque tocamos pouco.

Entrevistador – Não dá para tocar muito tempo seguido não é? Porque são vários.

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Mas nos momentos em que tocas, gostas?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – E achas que é divertido, ou não?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E que vale a pena?

Aluno – Sim, vale.

Entrevistador – Sim. Mas depois achas que é pouquinho, é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. E mais alguma coisa?

Aluno – Não.

Entrevistador – É tudo?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim. Pronto, já está, obrigada.

Entrevista 22

Academia de Música de Almada, 31 de março de 2011

Aluno 10 – aluno de Iniciação Musical 2 [2'38'']

Entrevistador - Vou-te fazer umas perguntas, como fiz da outra vez, está bem?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Olha, quanto é que tu gostas do teu instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Mesmo mesmo muito. Olha, da outra vez também me disseste que gostavas mesmo mesmo muito. Gostas igual é?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ou gostas mais?

Aluno – Gosto igual.

Entrevistador – Igual. Ok. Olha, e de tocar nas aulas de violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo muito.

Entrevistador – Muito ou mesmo mesmo muito?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Olha, e de usar o instrumento na aula de Iniciação Musical, aqui à quinta comigo? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito (ri-se)... Também.

Entrevistador – Olha, e de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito (ri-se).

Entrevistador – Muito. Olha, em casa vais estudar porque te apetece ou porque alguém te pede?

Aluno – Umás vezes porque me apetece outras vezes porque alguém me pede.

Entrevistador – Hum hum. E o que é que acontece mais vezes?

Aluno – Também não sei (ri-se).

Entrevistador – Olha, quando estás a tocar em casa, tocas o que a professora de violino te pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que inventas, ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco as músicas que os professores pedem.

Entrevistador – Ok. Só?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, e a professora de violino fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Às vezes (sorri).

Entrevistador – Às vezes? Então, a maior parte das vezes ou metade?

Aluno – A maior parte das vezes.

Entrevistador – Ok. Olha, quando consegues fazer uma coisa no teu instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço e porque estudo muito.

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer, o que é que ficas a pensar? Que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Que não me esforcei o suficiente.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim? E achas que é porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Estudei mais.

Entrevistador – Estudaste mais. Ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos ou para os teus pais, ou preferes tocar só para ti?

Aluno – Para os meus pais.

Entrevistador – Gostas que te ouçam então?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça).

Entrevistador – Hum hum. Olha, e o que é que achaste então destas aulas de Iniciação em que usamos os vossos instrumentos?

Aluno – Gosto muito.

Entrevistador – Porquê?

Aluno – Porque toca-se com o instrumento e eu gosto de tocar com o instrumento.

Entrevistador – Hum hum. Ok, era isto. Obrigada.

Entrevista 23

Academia de Música de Almada, 24 de março de 2011

Aluno 11 – aluno de Iniciação Musical 2 [6'41'']

Entrevistador – Olha, vou-te fazer mais algumas perguntas, como da outra vez. Está bem?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Olha, quanto é que gostas do teu instrumento agora? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou não nada?

Aluno – Gosto muito.

Entrevistador – Gostas muito?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Da outra vez disseste-me que gostavas mesmo mesmo muito. (Pausa) Gostas menos agora, em relação ao que gostavas?

Aluno – Gosto. Sim.

Entrevistador – Gostas menos um bocadinho, é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, E gostas de tocar nas aulas de instrumento, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Gostas mesmo mesmo muito?

Aluno – Gosto (sorri).

Entrevistador - Da outra vez também me disseste isso. Gostas mais em relação à outra vez, ou gostas igual?

Aluno - Gosto igual.

Entrevistador – Hum hum. Olha, e gostas de utilizar o instrumento aqui na aula de Iniciação Musical, quando eu vos peço: gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Gosto mesmo mesmo mesmo muito (sorri).

Entrevistador – Ok. Olha, e gostas de tocar em casa, mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Gostas muito. Hum, da outra vez tinhas-me dito acho que mesmo mesmo muito. (Pausa) Gostas mais ou menos do que da outra vez?

Aluno – Gosto, gosto... gosto menos...

Entrevistador – Ok. Pronto, ok. Queres-me dizer porquê?

Aluno – Quero.

Entrevistador – Então, diz-me lá.

Aluno – Porque cada vez que me engano o meu pai vai lá e grita comigo e eu não gosto.

Entrevistador – E ele antes não fazia isso?

Aluno – Antes não.

Entrevistador – E porque é que ele agora faz isso?

Aluno – Antes quando eu me enganava, antes ele explicava-me e eu conseguia fazer.

Entrevistador – E agora ele já não te explica?

Aluno – Não. Eu agora é que componho as músicas.

Entrevistador – Agora tu consegues fazer sozinho não é? Já não precisas dele para te explicar tudo.

Aluno – Já fiz uma música.

Entrevistador – Ok. Está bem. Quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou vais porque o pai ou a mãe te pedem para ir estudar?

Aluno – Vou porque me apetece.

Entrevistador – Sempre?

Aluno – Sempre.

Entrevistador – Ok. Olha, e que coisas é que fazes quando estás a tocar em casa? Tocas o que o professor de piano pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas, fazes outras coisas?

Aluno – Eu toco músicas que a professora manda e há outra coisa, posso dizer?

Entrevistador – Sim.

Aluno – Lá no piano, isto há lá umas músicas do Mozart e dessas coisas todas e eu já aprendi uma e essa também toco. E outra.

Entrevistador – E aprendeste sozinho?

Aluno – Aprendi.

Entrevistador – Ok. E dessas coisas todas qual é que gostas mais de fazer?

Aluno – Hum, inventar.

Entrevistador – Gostas mais de inventar músicas.

Aluno – Não não não, gosto daquelas do piano que toco às vezes.

Entrevistador – Então músicas que já sabes tocar bem, é isso?

Aluno – Músicas [que] já sei tocar bem, é isso.

Entrevistador – Ok. Olha, e o professor de piano fica contente com o que tu estudas, normalmente?

Aluno – Hum... fica, fica.

Entrevistador – Hum hum, ok. Olha, quando consegues fazer uma coisa no instrumento, achas que é porque tens talento, porque tens muito jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque estudo muito.

Entrevistador – Hum hum. E quando não consegues fazer alguma coisa que o professor pede? O que ficas a pensar? Ficas a pensar que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Ó professora eu não penso nada disso, eu esforço-me.

Entrevistador – Mas quando não consegues fazer por algum motivo, o que é que pensas? Que não tens jeito, não tens talento, não te esforçaste o suficiente...

Aluno – (Interrompe) Penso... Penso que não tenho muito talento.

Entrevistador – Pensas que não tens muito talento?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum.

Aluno – O que é que eu disse na última aula disto [entrevista]?

Entrevistador – Não me lembro.

Aluno – Ah.

Entrevistador – Ficas a pensar que não tens jeito, é isso?

Aluno – (expressão de vergonha).

Entrevistador – Quando não consegues.

Aluno – Fico (sorri envergonhado).

Entrevistador – Está bem. Ok. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Acho que estou.

Entrevistador – Sim? E porquê? Porque estudaste mais ou porque consegues aprender mais depressa?

Aluno – Porque estudei mais.

Entrevistador – Olha, e gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou gostas de tocar mais só para ti?

Aluno – Eu gosto de tocar para os meus pais e para mim.

Entrevistador – E o que é que preferes? Preferes que os teus pais de ouçam ou preferes tocar sozinho?

Aluno – Prefiro que os meus pais me ouçam.

Entrevistador – Ok. Olha, e o que é que achaste destas aulas de Iniciação em que usamos os vossos instrumentos?

Aluno – Estou a adorar, estou a adorar.

Entrevistador – Estás a gostar muito então?

Aluno – Estou.

Entrevistador – Sim. E porquê? Consegues me dizer?

Aluno – Sei porquê. Nós no sábado não usamos o piano não é?

Entrevistador – Hum hum.

Aluno – Mas cá, hoje [quinta-feira], nós usamos sempre o piano.

Entrevistador – Sim, temos usado sempre.

Aluno – E uma viola, um violino.

Entrevistador – Cada um usa o seu instrumento não é?

Aluno – É. E eu como gosto de usar sempre o meu instrumento é só por causa disso, é porque eu gosto muito de usar o piano.

Entrevistador – Ok. Então porque é que achas que gostas menos do piano agora do que o que gostavas antes?

Aluno – Isso é uma pergunta um bocadinho difícil mas eu vou tentar.

Entrevistador – Porque é que quando eu te perguntei inicialmente tu disseste que gostavas mesmo mesmo muito e agora só gostas muito?

Aluno – Agora só gosto muito porque... porque há uma coisa que eu não gosto que a professora me faz, é aqueles exercícios não sei quê, não sei que mais e do lápis e marchares com os dedos e desligado e ligado. Ah, isso é uma coisa que eu... que eu não ando a gostar muito e as pausas. A minha professora mete lá pausas sem estarem lá as pausas. Mete lá as pausas e eu como não gosto disso agora ando a gostar um bocadinho menos.

Entrevistador - Então gostas menos é das aulas de piano, ou é do piano mesmo?

Aluno – Das aulas de piano.

Entrevistador – Então é das aulas de piano que gostas menos?

Aluno – É

Entrevistador – Mas continuas a gostar igual do piano, ou também gostas menos do piano por causa disso?

Aluno – Não.

Entrevistador – Do piano, do instrumento. A relação que tu tens com o piano.

Aluno – Do piano gosto muito muito muito, mas mesmo mais que muito (sorri).

Entrevistador – Hum hum, ok. Então é das aulas que gostas só muito, é isso?

Aluno – É.

Entrevistador – Ok. Pronto, era só isto, obrigada.

Entrevista 24

Academia de Música de Almada, 24 de março de 2011

Aluno 12 – aluno de Iniciação Musical 2 [3'42'']

Entrevistador – Vou-te fazer mais algumas perguntinhas, como da primeira vez, lembras-te?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Sim? Olha, então vais-me dizer: quanto é que tu gostas do violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Muito.

Entrevistador – Gostas muito? Tu da primeira vez disseste-me que gostavas mesmo mesmo muito.

Aluno – Sim, é verdade.

Entrevistador – E agora gostas menos então?

Aluno – (Interrompe) Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Gostas igual é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Gostas exatamente da mesma maneira que gostavas da primeira vez, é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, e de tocar nas aulas de violino? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum... muito.

Entrevistador – Gostas muito. Lembras-te do que me disseste da última vez?

Aluno – (Pausa) Acho que não.

Entrevistador – Não te lembras? Ok, gostas muito. Gostas igual, gostas mais ou gostas menos?

Aluno – (Pausa) Mais.

Entrevistador – Gostas mais agora de tocar nas aulas de violino?

Aluno – (Acena “sim” com a cabeça)

Entrevistador – Hum hum, ok. Olha, e de tocar aqui nas aulas de Iniciação Musical, quando usamos o instrumento? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Mesmo mesmo muito.

Entrevistador – Olha, e de tocar em casa? Gostas mesmo mesmo muito, muito, pouco ou nada?

Aluno – Hum, pouco.

Entrevistador – Gostas pouco ainda. Era a mesma coisa que gostavas antes?

Aluno – Hum... S...

Entrevistador – Achas que sim?

Aluno – Acho que sim, sim.

Entrevistador - Ok. Olha, quando vais estudar em casa, vais porque te apetece ou porque alguém te pede para ires estudar?

Aluno – Porque a mãe me pede.

Entrevistador – A mãe diz-te para ir estudar?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Hum hum. Olha, e quando estás a tocar em casa a tocar, que tipo de coisas é que fazes? Tocas o que o professor pede, tocas músicas antigas que já sabes bem, tocas músicas que tu inventas ou fazes outras coisas?

Aluno – Toco músicas que a professora pede e... mais nada.

Entrevistador – Só tocas o que a professora te pede?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, e a professora fica contente com o que tu estudas?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Sim?

Aluno – Fica muito.

Entrevistador – Hum hum. Olha, e quando consegues fazer alguma coisa no instrumento achas que é porque tens talento, porque tens jeito, porque te esforças ou porque estudas muito?

Aluno – Porque me esforço.

Entrevistador – Porque te esforças. E quando não consegues fazer alguma coisa, o que é que ficas a pensar? Ficas a pensar que não tens talento, que não tens jeito, que não te esforçaste o suficiente ou que não estudaste o suficiente?

Aluno – Não estudei o suficiente.

Entrevistador – Hum hum. Olha, achas que estás a conseguir tocar melhor desde a última entrevista que eu te fiz?

Aluno – Hum, acho que sim.

Entrevistador – Achas que sim. E achas que é porquê: porque estudaste mais ou porque consegues aprender as coisas mais depressa?

Aluno – Porque estudei mais.

Entrevistador – Hum hum, ok. Olha, gostas de tocar para os teus amigos, para os teus pais, ou mais só para ti?

Aluno – Para as duas. Para os meus amigos e para os meus pais.

Entrevistador – Não gostas de tocar para ti? Preferes que eles te ouçam, é isso?

Aluno – Sim.

Entrevistador – Ok. Olha, e o que é que achaste destas aulas aqui em que usamos os instrumentos? Aqui das aulas de Iniciação.

Aluno – Boas.

Entrevistador – Gostaste?

Aluno – Sim.

Entrevistador – E porquê? Consegues-me dizer?

Aluno – Hum...

Entrevistador – (Interrompe) qual é que é a diferença para as outras aulas?

Aluno – Nenhuma.

Entrevistador – Em que não usamos?

Aluno – Hum... as de...

Entrevistador – Gostas mais quando usamos ou quando não usamos?

Aluno – Quando usamos.

Entrevistador – Gostas mais quando usamos. E consegues dizer porquê?

Aluno – Acho que não.

Entrevistador – Não consegues dizer porquê. Ok, pronto. É por causa dos exercícios que fazemos com o violino, ou é porque gostas de tocar violino e então é mais um sítio onde podes tocar?

Aluno – É porque gosto do violino.

Entrevistador – Hum hum, ok. Era só isto, obrigada.

Entrevista 25

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 1 [4'06'']

Entrevistador - Como é que a avaliarias em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?

Professor – Hum... Em termos de capacidade de trabalho é bastante boa. É daquelas meninas que não é preciso dizer-lhe para estudar que ela estuda por ela própria, sozinha. Hum... Não é muito perfeccionista, portanto... mas também é muito miúda, ainda é muito infantil, para ser exigente com ela própria, portanto dou um certo desconto.

Entrevistador – Uma certa margem. Hum hum. Ok.

Professor – A nível de competências, hum... ela já lê bastante bem as partituras para o nível dela, não é.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Claro que não tem ainda tanta informação como têm outros alunos [mais velhos], não é. Hum... a nível de domínio técnico é que não é tão bom, pronto. Hum... mas mesmo assim é bastante bom. Digamos que é mais do que suficiente, é menos do que excelente... portanto.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Sim sim. E a nível de expressão musical? Expressividade...

Professor – Hum... Ela ainda não tem muita capacidade para se exprimir a nível de músicas que sejam lidas, que sejam escritas.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Ela só consegue exprimir-se em músicas que ela toca, hum...

Entrevistador – De ouvido.

Professor – De ouvido.

Entrevistador – E que já conhece.

Professor – E que já conhece, exatamente. Portanto eu acho que ela faz um bocadinho por imitação.

Entrevistador – Ok. Sim, está bem.

Professor – Pronto. A nível de potencial de aprendizagem acho que ela tem muito... hum... se ela conseguir equilibrar os pratos. Ou seja, ela é muito boa a nível de tudo o que é tocar de ouvido e por imitação e começa agora a melhorar o nível de tocar coisas que ela não conhece, não é?

Entrevistador – Sim.

Professor – E que tem que se investir mais. Quando ela conseguir equilibrar os dois pratos da balança eu acho que realmente ela vai dar um grande salto qualitativo.

Entrevistador – Ok. Olha, e notaste alguma alteração no seu comportamento dela, na atitude, ou no trabalho dela ultimamente?

Professor – Hum... Eu notei mas não sei referir a razão. Uma das razões que eu pensei que teria contribuído para isso foi a mudança do horário dela na escola. À parte disso não sei exatamente o quê, mas...

Entrevistador – (Interrompe) Em que é que... O que é que notaste? Consegues exprimir por palavras o que é que notaste diferente nela?

Professor – Ouve duas coisas que notei de bastante diferente nela. Para já, o interesse muito grande pelas músicas que ela canta no coro infantil. Que ela quer sempre tocar no piano e era uma coisa que ela não fazia.

Entrevistador – Não mostrava interesse, sim.

Professor - Ela queria tocar músicas mas eram músicas que ela aprendia por imitação com pai, e agora não, ela toca...hum... toca...

Entrevistador – (Interrompe) Sim, quer tocar coisas que vê aqui noutras disciplinas.

Professor – (Interrompe) Quer tocar as músicas que ela canta aqui, noutras disciplinas. A outra coisa que eu vejo é que antigamente para ela era muito aborrecido ler as partituras. Tudo o que fosse leituras de notas, de ritmos, de procurar onde é que aquela nota está no piano... Isso tudo para ela era muito aborrecido e neste momento não é. Ela já faz isso com gosto.

Entrevistador – Hum hum. Desde quando é que notaste essas mudanças? A partir de quando?

Professor – Desde... sei lá, Janeiro. Janeiro, Fevereiro talvez, não sei.

Entrevistador – Hum hum. Ok.

Entrevista 26

Academia de Música de Almada, 15 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 2 [4'53'']

Entrevistador – Queria-lhe fazer algumas perguntas em relação à [aluno 2]. Que é, como é que avaliaria a [aluno 2] em termos de capacidade de trabalho, de competências e de potencial de aprendizagem?

Professor – A [aluno 2] surpreendeu-me pela positiva, porque eu estava um bocado apreensiva no início quando ela veio para mim, porque ela vinha de outra escola, portanto já tinha conhecimentos de piano.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Mas parecia uma menina muito voluntariosa, parecia que já conhecia tudo e que já tocava imensas coisas. Mas tocava tudo mal, relativamente ao piano, tudo um bocadinho com a posição das mãos – como ela tem os dedos muito pequeninos, é muito pequenina, tinha pouca força nos dedos e não... tocava tudo, queria tocar depressa e mal.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – E eu tive que fazer um retrocesso e ela não gostou. Parecia que não estava hum...

Entrevistador – Sim, não encarou muito bem à partida.

Professor – Não queria colaborar. Porque, no início, quando eu lhe tinha que corrigir a posição das mãos e que lhe tinha que mexer na mão ela sacudia-me a mão e dizia: “Não me mexas!”. Eu pensei, bem, isto tem que ser levado de outra maneira. Poucas aulas depois, ela própria me contou que a mãe dizia que ela tinha que estudar muito devagarinho e fazer o que a professora dizia, porque ela tinha se calhar aprendido de uma maneira que a professora não queria. Não quis que a menina tivesse uma má opinião dos outros professores anteriores, que eu acho muito bem, e que... disse que a professora, como estava aqui na escola de música, um conservatório, tinha que aprender as coisas mais a sério e tinha que fazer o que a professora dizia. E a partir daí eu vi a menina a ficar com mais vontade e de querer fazer bem, não sei se foi por acaso que escolheu essa aluna, mas essa menina parece-me [que] apesar de ter os dedos

ainda um bocadinho moles, tem muita vontade de colaborar e de querer fazer bem e gosta de participar e gosta de falar (...).

Entrevistador – Tem muita vontade, tem uma boa capacidade de trabalho.

Professor – Tem boa capacidade de trabalho. Todas as semanas ela trás o que eu lhe pedi estudado, talvez não na perfeição mas às vezes muito bem.

Entrevistador – Em termos de competências?

Professor – Hum...

Entrevistador – Adquiridas ou não adquiridas, como é que ela é?

Professor – Quer dizer, ela tem oito anos. Digamos que para oito anos ela tem mais do que a maioria dos alunos daqui. Ela tem mais competências e mais capacidade de trabalho do que a maioria dos alunos daqui.

Entrevistador – Hum hum. Portanto terá um bom potencial de aprendizagem?

Professor – Tem.

Entrevistador – Ok. Notou alguma alteração no comportamento dela, na atitude, ou no trabalho dela ultimamente?

Professor – Talvez na altura de ela saber que tinha que tocar numa audição, ficou com um bocadinho de medo de ser uma audição, tinha que tocar à frente de outras pessoas e teve aquele receio e talvez por isso aplicou-se se calhar ainda um bocadinho mais.

Entrevistador – Hum hum. Isso foi quando, mais ou menos?

Professor – Foi... Portanto, nós tivemos a audição agora em princípios de Abril, portanto, em fins de Março.

Entrevistador – Hum hum. E em que altura é que ouve essa conversa da mãe com ela e ouve essa alteração na atitude dela?

Professor – Bom, também ouve uma interrupção no meu ano letivo...

Entrevistador – (Interrompe) Sim sim.

Professor – E que eu a tive nas duas primeiras aulas, ela estava um bocadinho agressiva nas primeiras aulas.

Entrevistador – Sim.

Professor – E eu sei até que certos alunos meus, não me lembro se foi ela ou não, como ouve aquela interrupção que estiveram noutros professores, ficaram apreensivos de voltar a recomeçar outra vez comigo, porque conheciam mal o professor e já se tinham adaptado durante três meses a outro professor. Portanto, ela teve essa fase que foi um bocado complicada para ela, teve dois professores durante o ano. Mas nós readaptamo-nos muito bem uma à outra e eu acho que essa comunicação está a passar outra vez e há o triângulo aluno, professor e pais que está a funcionar.

Entrevistador – Sim. Ok. Era só isto. Obrigada.

Professor – De nada.

Entrevista 27

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 3 [5'54'']

Entrevistador – Vou-te fazer algumas perguntas em relação ao [aluno 3].

Professor – Hum hum.

Entrevistador – Eu queria saber como é que tu o avaliarias em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem.

Professor – Hum... É assim, em relação à capacidade de trabalho eu acho que isso depende muito da sua evolução ao longo dos tempos, ou seja, ele neste momento é um aluno que tem muito interesse, gosta, e faz com regularidade os trabalhos de casa. Portanto, isso vai fazer com que ele ao longo dos anos possa alargar a sua capacidade de raciocínio, de gestão, de técnica...

Entrevistador – (Interrompe) Sim. Quanto mais faz, mais consegue fazer.

Professor – Quanto mais faz, mais consegue fazer. O que eu acho é que ele é muito interessado e isso é um bom ponto de partida para que no futuro possa a vir obter os bons resultados com o estudo.

Entrevistador – Ok.

Professor – Depois disseste mais o quê?

Entrevistador – Competências e potencial de aprendizagem?

Professor – Hum... Eu acho que ele tem capacidades. No início senti que tinha algumas dificuldades a nível da coordenação motora mas que rapidamente resolveu o problema. Ou seja, eu sentia que tinha muita dificuldade na alternância dos dedos, mas isso foi uma questão de tempo, de adaptação. Consegue hoje, hum... fazer [atingir] com relativa facilidade os objetivos pretendidos para o programa [nível] que está neste momento. Ele está no terceiro ano e... vai com certeza chegar ao primeiro grau preparado.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Acho que sim, acho que tem potencial.

Entrevistador – Ok. Em termos das competências, para além das motoras que referiste, em termos de competências auditivas, competências de leitura, alguma coisa em especial?

Professor – A leitura é complicado. A leitura ainda é difícil porque ele... ainda se guia muito por símbolos. Ou seja, tem muita dificuldade em associar as notas com a guitarra, ou seja, com as posições. Portanto, ele reconhece a nota na pauta mas depois tem dificuldade ainda em...

Entrevistador – Em passar para a posição.

Professor – Em passar para o instrumento, exatamente. E depois é assim, esta aula é uma aula que eu tenho três na mesma hora, no bloco de 45 minutos. Tenho dois que estão no quarto ano, que já vêm com uma base de trabalho de anos anteriores e portanto vão a outro ritmo. E eu tenho sempre muita dificuldade em conseguir avaliar muitas vezes até o próprio [aluno 3] porque não tenho muito tempo. Hum, ele já vai conseguindo fazer algumas escalas, eu sei que isso vai o ajudar a compreender e a raciocinar em relação às notas e às posições, m... (Alguém entra na sala e interrompe a entrevista).

Entrevistador – Ok. Pronto

Professor – É muito cedo ainda sabes? É muito cedo ainda para fazer uma avaliação e dizer concretamente, realmente o potencial e as capacidades que ele poderá vir a despoletar.

Entrevistador – Ok. Tudo bem.

Professor – Precisamente por essa questão, porque este ano, como as iniciações foram apertadas, eu tenho muita dificuldade em conseguir... Ele está a fazer coisas muito simples...

Entrevistador – (interrompe) Sim, conhecê-los tão bem.

Professor – Está a fazer coisas muito bem feitas, mas são coisas muito simples. Eu acho que ele já podia ter uma evolução melhor, ou maior, se tivesse realmente...

Entrevistador – Mais tempo.

Professor – Mais tempo, mas é impossível, 45 minutos não dá.

Entrevistador – Pois, claro. Olha, tu notaste alguma alteração no comportamento, na atitude ou no trabalho dele ultimamente?

Professor – (Pausa) Eu tenho notado já há algum tempo, ultimamente... quando tu dizes ultimamente, eu sinto...

Entrevistador – (interrompe) Desde quando?

Professor – Hum... É pá, no final do primeiro período, acho eu. Por aí. Por aí eu senti que ele a partir dessa altura começou a estar muito mais desperto. Quando ele veio senti... é pá, vai ser muito difícil trabalhar com o [aluno 3], porque ele tem uma grande diferença de idade. Apesar de ser um ano, eu sentia que estava a nível da coordenação motora muito atrasado. E eu senti: vou ter muita dificuldade, não sei como é que eu vou conjugar isto tudo.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – E o que é facto é que ele foi desenvolvendo essas tais competências, também através do trabalho de casa e do interesse e do empenho. Está-me sempre a pedir: “professor, quando é que me trás mais uma coisa nova? Quando é que não sei quê?”. Portanto, esse interesse que ele tem é que está a fazer com que essa evolução seja mais rápida.

Entrevistador – Ok.

Professor – Percebes?

Entrevistador – Sim. O interesse dele foi contínuo, desde o início do ano?

Professor – Hum... Mais ou menos. No início senti-o um bocado perdido porque ele não estava muito bem a adaptar-se a isto. Não estava muito bem a ver o que era isto.

Entrevistador – Sim.

Professor – E eu acho que... E depois com os próprios colegas, percebes. Os próprios colegas andam sempre... tocam bem e puxam por ele e isso tudo faz com que ele próprio também sinta que tem que estudar e tem que trabalhar para acompanhar o ritmo não é?

Entrevistador – Sim sim sim.

Professor – Apesar de estar a fazer coisas diferentes.

Entrevistador – Ok ok. Está, era isto.

Professor – Ok, pronto.

Entrevista 28

Academia de Música de Almada, 31 de março de 2011

Professor de instrumento do aluno 4 [4'58'']

Entrevistador – Olha, as perguntas que eu te vou fazer são em relação ao teu aluno [aluno 4].

Professor – Fixe.

Entrevistador – Eu queria saber como é que tu o avaliarias em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem.

Professor – (Hesita) Eu...

Entrevistador – Podes começar pelo início: capacidade de trabalho.

Professor – Ok. Capacidade de trabalho ou trabalho realizado? Capacidade de trabalho.

Entrevistador – Capacidade de trabalho.

Professor – Ok. (Pausa) É um bocado... ele é muito irregular no trabalho que faz. Agora, a nível de capacidade de trabalho eu acho que o miúdo é... (pausa) vê aquilo como um jogo, portanto ele pode ser capaz de fazer um bom trabalho, sim. Pode ser capaz de trabalhar bem. Só que depois a nível de horários de família, [tem poucos hábitos de estudo]. Portanto, queres assim tipo: pode ter muita capacidade de trabalho, pouca, média, assim?

Entrevistador – Não, não é preciso.

Professor – (Interrompe) Ok, então é isso.

Entrevistador - O que disseste é suficiente.

Professor - Ok, está ótimo. Então vamos passar para o ponto seguinte.

Entrevistador – Competências.

Professor – (Pausa) Competências.

Entrevistador – Competências e potencial de aprendizagem.

Professor – Competências musicais em geral?

Entrevistador – Sim. Competências...

Professor – Ou pianísticas, ou não sei quê.

Entrevistador – Motoras, auditivas, de performance.

Professor – Ok.

Entrevistador – Expressivas.

Professor – Competências. Hum... O tipo é bom, mas como é muito indisciplinado no trabalho e muito irregular no trabalho, vai devagarinho. Mas ele é bastante bom. Não e tanto... é um tipo que não é demasiado racional, o que é ótimo.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Hum, é um tipo que tem muito bom ouvido, que tem inteligência musical, que é uma coisa esquisita, não é? Os seus olhos brilham quando ele está ali ao piano a fazer jogos. É pá, e quando está dentro daquela atividade, consegue fazer bastante. O que lhe falta de facto, é rotina.

Entrevistador – Hum hum. Ok.

Professor – Potencial de aprendizagem: é pá, isto funciona com quatro ingredientes, que é o professor, o aluno, a família e o meio em geral. Hum, quando está com o pai estuda, quando está com a mãe às vezes tem tempo outras vezes não tem tempo, a mãe tem que fazer tudo. É pá, e o miúdo...

Entrevistador – É a tal questão da falta de rotinas em casa não é?

Professor - É. Agora, mas eu acho que ele... ele entrou para o violino, eu estava à espera que ele mandasse o piano à fava e o miúdo continua a gostar do piano e acho que até gosta mais do piano que do violino. Pá, eu acho que tem muito potencial, mas não sei se lhe serve.

Entrevistador – De alguma coisa?

Professor – De muito, só esse potencial.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Olha, notaste alguma alteração no comportamento dele, na atitude dele ou no trabalho dele ultimamente?

Professor – (pausa) Em relação... O miúdo tem vindo a crescer bastante, isso nota-se. É um miúdo que... a nível da tal rotina que falta, é pá, a mãe disse que agora ele está a estudar mais. A nível de, de... (pausa) Sim, ele tem vindo a melhorar, constantemente ele tem vindo a melhorar nessa capacidade de...

Entrevistador – (Interrompe) Sim. De forma consistente? É isso? Não notaste alguma alteração a partir de um momento exato, nalguma coisa específica?

Professor – Espera aí.

Entrevistador – Na capacidade de concentração dele, ou no trabalho que ele faz em casa, ou noutra coisa qualquer?

Professor – É pá, ele tem vindo... agora espera aí, no trabalho em concreto melhora. Agora, a capacidade de concentração, deixa-me pensar bem. Ah, espera aí, posso ver as minhas cábulas não posso?

Entrevistador – (Ri-se) Podes claro.

Professor – Eu tenho todas as aulas registadas, portanto é fácil. Isto é fácil, espera aí. Hum... (murmura apontamentos sobre as aulas, registados no computador pessoal).

Entrevistador - (Ri-se)

Professor – Não, é pá, acho que é assim, acho que pelo contrário, mas eu estou a falar da parte do trabalho de piano. É assim, a nível da capacidade de apanhar coisas hum... sei lá, olha, hum... no outro dia resolvemos rever coisas que ele sabia, “A quinta do Tio Manel” e não sei quê. A capacidade que ele tem de pegar em coisas que não vê há imenso tempo e de se dedicar a elas e de as fazer é muito boa. Hum... e transposições, por exemplo, “A quinta do Tio Manel” pedi para tocar em fá sustenido maior, e tocou. E aí eu noto que ele está numa progressão linear. A nível do trabalho pianístico em si, acho que é muito irregular.

Entrevistador – Hum hum. Ok. Portanto, não notaste nada de...

Professor – (Interrompe) de especial.

Entrevistador – De diferente que te tenha chamado a atenção?

Professor – Não.

Entrevistador – Ok.

Professor – Estraguei-te o teu trabalho. (Ri-se).

Entrevistador – Não não, de maneira nenhuma. Ok pronto, é só isto.

Professor – É só isto?!

Entrevistador – Sim.

Entrevista 29

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 5 [3'28'']

Entrevistador – Como é que avaliarias a [aluno 5] em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?

Professor – A [aluno 5] é... hum... Vou começar pelo potencial que é a parte positiva.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Eu acho que ela tem muito potencial, porque... tem facilidade a nível de coordenação motora e a nível de leitura, por exemplo, é muito rápida e tem boa coordenação.

Entrevistador – Tem já várias competências adquiridas então.

Professor – Exato. A nível de expressão musical é muito fraco. A nível de capacidade de trabalho é fraco também, porque ela é muito desconcentrada, é muito infantil ainda. Hum, e a nível de contexto familiar não lhe é exigido trabalho, portanto ela basicamente nunca estuda.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – E... também não procura por ela própria fazê-lo.

Entrevistador – Exato. Sim sim.

Professor – Portanto, como não tem ninguém que, que lhe peça.

Entrevistador – (Interrompe) Que a incentive. Exato.

Professor – E ela própria também não vai...

Entrevistador – (Interrompe) Também não dá importância.

Professor - Portanto não tem... não trabalha, basicamente é isso. A nível de competências, como eu já disse ela já tem várias. Há determinadas coisas que ela pura e simplesmente não se interessa, não se interessa em melhorar. Ela é capaz de fazer – por isso é que eu digo que ela tem muito potencial – quando faço na aula e corrijo ela faz bem na aula, mas depois como aquilo não lhe interessa, na aula seguinte ou mesmo na própria [mesma] aula já pode estar mal outra vez.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Só para dar um exemplo, a posição da mão e dos dedos é uma coisa que eu corrijo há mais de um ano e que continua, constantemente, a vir mal. E ela sabe fazer bem, porque se eu a corrigir na aula ela faz bem.

Entrevistador – Faz imediatamente.

Professor – Portanto...

Entrevistador – Hum hum. Ok. E notaste alguma alteração no comportamento, na atitude, ou no trabalho dela ultimamente?

Professor – Noto-a muito desmotivada. (Pausa) hum, no geral acho que ela se interessa pouco. Eu só noto que há algum interesse da parte dela em estudar ou trabalhar ou uma coisa assim do género, quando eu dedico suficiente tempo na aula para estudar com ela, para ela ver que é capaz de fazer qualquer coisa um bocadinho mais difícil, e quando ela já consegue tocar então aí é que ela é capaz de repetir a mesma música até à exaustão, porque já sabe, porque já é capaz.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Tudo o que seja qualquer coisa que ela ainda não fez comigo na aula e que ainda não é capaz de fazer sozinha e que... hum, não se interessa.

Entrevistador – Também não se interessa, não é? Portanto não notaste nada, nenhuma alteração. Manteve-se sempre nos mesmos parâmetros [a nível] comportamental.

Professor – Sim.

Entrevistador – Ok. Obrigada.

Entrevista 30

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 7 [2'46'']

Entrevistador – Queria-te perguntar, sobre ela [aluno 7], como é que tu a avaliarias em termos de capacidade de trabalho, de competências e de potencial de aprendizagem?

Professor – (Silêncio)

Entrevistador – Podes começar pelo início: capacidade de trabalho.

Professor – Tendo em consideração que é minha aluna desde o ano passado?

Entrevistador – Sim, daquilo que conheces. Como é que a avaliarias daquilo que conheces dela, sim.

Professor – A [aluno 7] quando veio para mim era uma miúda que quase não falava, por isso nesse sentido acho que agora tem vindo a melhorar bastante. Mas tem muito pouca capacidade de trabalho ainda, precisamente por estar um pouco atrasada se calhar noutros aspetos.

Entrevistador – Hum hum. Em termos de desenvolvimento.

Professor – Em termos de desenvolvimento.

Entrevistador – Ok. E isso vai-se refletir nas competências e no potencial de aprendizagem, que eram as outras questões?

Professor – Pois, nas competências sem dúvida, no potencial ainda não dá para dizer porque é a tal coisa, ela ainda não cresceu o suficiente para ver se tem potencial ou não. Ela até pode vir a ter, mas neste momento não dá para se perceber.

Entrevistador – Por ser extremamente infantil, é isso?

Professor – Sim, e tenho estado a adotar várias maneiras diferentes para ver se alguma resulta melhor, mas às vezes resulta e depois deixa de resultar e por isso... não sei. O problema também pode não ser dela, pode ser meu, mas... (sorri).

Entrevistador – (Ri-se) Ok. Olha, tu notaste alguma alteração no comportamento dela, na atitude dela, ou no trabalho dela ultimamente?

Professor – Ultimamente... uma semana? Um mês?

Entrevistador – Um mês, dois meses, talvez, não sei.

Professor – Segundo período?

Entrevistador – Notaste alguma coisa?

Professor – Ela o ano passado era muito reservada. Este ano já consegue haver uma proximidade maior entre nós. Já fala abertamente comigo e já é brincalhona, o que é melhor do que estar sempre calada.

Entrevistador – Hum hum. Sim sim.

Professor – Já há uma partilha.

Entrevistador – Está mais à vontade. Interage mais. Mas notaste alguma coisa especificamente, ou não?

Professor – Assim em termos de grandes progressos não. Eu noto algumas diferenças na maneira de ela ser se calhar.

Entrevistador – Desde quando mais ou menos?

Professor – Vejo-a crescer aos poucos. (Pausa) Desde o início deste ano.

Entrevistador – Desde o início do ano. Ok. Olha, pronto, em relação à [aluno 7] é isto.

Entrevista 31

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 8 [4'37'']

Entrevistador – Bem, então vamos começar pela [aluno 8]. E a primeira coisa é: como é que tu avaliarias a [aluno 8] em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?

Professor – Ok. Vamos por partes.

Entrevistador – Sim.

Professor - Então, em termos de capacidade de trabalho, hum... qual é a avaliação que eu faço. É uma miúda que tem muita dificuldade em fazer, em trabalhar por ela própria. Tem que ser empurrada para trabalhar. Hum... mas, hum... quando tem um incentivo qualquer, faz.

Entrevistador – Hum hum. (Alguém bate à porta, entra e interrompe a entrevista por momentos.)

Professor – Pronto, voltamos outra vez. A capacidade de trabalho. Ela é suficientemente autónoma, portanto, quando há um incentivo. Quando tem uma audição, quando tem um concerto, ela trabalha sozinha e trabalha bem.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Quando não tem qualquer coisa assim, hum... tem que ser um bocadinho pressionada, ou da minha parte ou da parte dos pais, para... para trabalhar.

Entrevistador – Portanto, precisa de um objetivo a médio/curto prazo.

Professor – Exato. Curto prazo. Mais curto prazo do que médio prazo.

Entrevistador – Exato. Hum hum.

Professor – Para ela médio prazo é muito longe, basicamente.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Hum, a nível de competências, hum... ela tem bom domínio técnico. Para a idade que tem está bastante bem e desenvolve. Portanto, não é daquelas que estagna, vai sempre desenvolvendo.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – A nível de compreensão das partituras, portanto...

Entrevistador – Leitura.

Professor – Leitura, estrutura, tonalidade, etc., também está muito bem, mesmo. E percebe aquilo que está a fazer, ou seja, não é daquelas miúdas que faz um fá sustenido ou um dó sustenido porque vê que está lá o fá sustenido, sabe que está em... por exemplo, que está em Ré M, pronto.

Entrevistador – Hum hum. Faz sentido.

Professor – Aquilo faz sentido para ela.

Entrevistador – Exato.

Professor – E a nível de expressão musical, hum... começa agora a conseguir fazer também a expressão musical. É muito certinha, portanto, todas as indicações que estão na partitura ela faz e já começa a tentar dar-lhe alguma expressão por ela própria. Portanto a esse nível acho que está tudo muito bem. Depois qual era... A nível de potencial de aprendizagem, eu acho que é muito bom. Acho que ela tem muito potencial, só precisava de se disciplinar na parte do trabalho individual.

Entrevistador – Ok. Olha, tu notaste alguma alteração no comportamento dela, na atitude ou no trabalho dela ultimamente?

Professor – Eu notei uma grande alteração quando eu a propus para o concerto de Natal. Para tocar no concerto de Natal. O facto de ela ter sido escolhida, acho que lhe deu uma atitude: “agora tenho que provar que...que...”

Entrevistador – Ok. Foi na postura dela...

Professor – Exato. “Tenho que provar que a professora fez bem”...

Entrevistador – Sim sim sim. E depois disso?

Professor - “que eu mereci.”

Entrevistador – E depois disso, voltou ao que era, ou continuou com os níveis...

Professor – Não. Continuou.

Entrevistador – portanto, os níveis de motivação dela...

Professor – Mantiveram-se.

Entrevistador – Mantiveram-se desde aí para a frente. Ok. Era só isto, em relação à Inês.

Entrevista 32

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 9 [2'16'']

Entrevistador – Olha, eu queria colocar-te algumas questões em relação ao [aluno 9]. A primeira é, como é que tu avaliarias o [aluno 9] em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?

Professor – Primeiro o [aluno 9] é um miúdo que tem muita aptidão, sabes. À partida ele tem uma perspicácia de reação muito grande. Ele é super perspicaz, o que não é normal num miúdo da idade dele. Ou seja, eu tenho alunos com mais três anos que não têm a mesma capacidade de reação e a mesma capacidade de assimilação e aptidão que ele tem.

Entrevistador – Sim. Portanto tem um bom potencial de aprendizagem.

Professor – Muito bom potencial de aprendizagem à partida. Ou seja, ele é um excelente aluno ou pode ser, ainda que não passe de um aluno de oito anos que brinca mais do que o que realmente estuda – não podes pedir que ele faça uma evolução de uma semana para a outra como faz um miúdo com doze ou treze [anos] porque já tem mais consciência. Mas ele tem tudo para ser um aluno brilhante, ele tem muita aptidão.

Entrevistador - Hum hum. Então em termos de capacidade de trabalho o que é que dirias dele?

Professor – Que é bastante bom.

Entrevistador – (Interrompe) De uma semana para a outra, aquilo que ele é capaz de fazer.

Professor – Bastante bom, tendo em conta que é um miúdo de oito anos é muito bom.

Entrevistador – (Interrompe) A idade dele. Hum hum.

Professor – Muito bom.

Entrevistador – Olha, tu notaste alguma alteração no comportamento dele ou na atitude dele ou no trabalho que ele faz, ultimamente?

Professor – Sim. Não te sei dizer porquê.

Entrevistador – E o que é que foi exatamente?

Professor – Hum, mais controlado, sabes? Controla-se mais, ou seja, tenta fazer com que a aula renda mais, o que é estranho. Porque no início ele levava... ou seja, ele é meu aluno pela primeira vez este ano, mas ele já tinha aulas de música.

Entrevistador – Sim.

Professor – E eu sei à partida que não tem nada a ver comigo sabes, foi alguma coisa dele.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Mas ele encara as coisas com mais seriedade.

Entrevistador – Ok. E mais ou menos desde quando é que notaste isso?

Professor – Último mês e meio.

Entrevistador – Último mês e meio. Ok. Era só isto. Obrigada.

Entrevista 33

Caxias, 13 de maio de 2011

Professor de instrumento do aluno 10 [2'34'']

Entrevistador – Vamos começar pelo [aluno 10].

Professor – Com certeza.

Entrevistador – Como é que o avaliarias em termos de capacidade de trabalho, de competências - que tem desenvolvidas ou precisa desenvolver ainda - e de potencial de aprendizagem?

Professor – O [aluno 10] é um aluno que tem muito potencial. É um aluno muito talentoso e com muita facilidade. Capacidade de trabalho, hum... ele não estudava muito, mas também porque não tinha um acompanhamento muito bom em casa. Mas mesmo assim ainda conseguia estudar, vá, duas vezes por semana, o que eu considero bom para uma criança de seis ou sete anos - não ele tinha sete ou oito, ele estava na segunda classe. Portanto, considero isso bom. Hum... qual...

Entrevistador – (Interrompe) Competências.

Professor – Competências. Numa certa altura só o talento deixou de bastar e deixou de desenvolver, como é natural, mas mesmo assim acho que tem muita destreza motora, tem facilidade, tem bom ouvido, hum... precisava de mais acompanhamento [no estudo] em casa. Mas no geral é um aluno com muito potencial.

Entrevistador – Ok. Olha, e tu notaste alguma alteração no comportamento dele, na atitude ou no trabalho dele, em algum momento? Assim, alguma diferença que saltasse à vista?

Professor – Uma coisa muito grande não, mas achei que o início do ano correu melhor do que o meio do ano. Mas penso que poderá ter tido a ver com o facto de... quando já aprendeu a tocar algumas músicas – que ele avançava relativamente rápido, em comparação especialmente com a colega dele, outra menina que partilhava a aula com ele – eu acho que a partir daí ele já estava satisfeito com aquilo que já sabia.

Entrevistador – Ele também se comparava com a colega se calhar?

Professor – Sim, provavelmente. E via que a colega não evoluía nada enquanto ele evoluía normalmente.

Entrevistador – Exato.

Professor – E numa certa altura achei que ele não estava com tanto entusiasmo como no início. No início tudo foi muito rápido.

Entrevistador – Ok. Pronto, é só isto.

Entrevista 34

Academia de Música de Almada, 4 de abril de 2011

Professor de instrumento do aluno 11 [3'32'']

Entrevistador - Como é que o avaliarias em termos de capacidade de trabalho, competências e potencial de aprendizagem?

Professor – Hum... O [aluno 11] tem uma boa capacidade de trabalho. Era pouco autónomo, portanto trabalhava sempre só com a ajuda do... do pai.

Entrevistador – Do pai.

Professor – Depois por iniciativa dos pais, nem foi por minha iniciativa, foi por iniciativa dos pais, eles decidiram que iam reduzir progressivamente a ajuda que lhe davam e que ele tinha que passar a estudar sozinho.

Entrevistador – Maioritariamente não é?

Professor – Maioritariamente sozinho.

Entrevistador – Exato.

Professor – E as últimas semanas ele já estou mesmo completamente sozinho, em casa. Portanto, os pais disseram mesmo que não o tinham ajudado em nada que ele tinha feito. E eu estava à espera de uma baixa de rendimento e não aconteceu. Ele tem conseguido... portanto, também não foi brusco, foi progressivo, e o que é certo é que ele conseguiu desenvolver mecanismos para estudar sozinho. Eu também ensino-lhes nas aulas como é que eles devem estudar em casa.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – E aquilo está a resultar muito bem, portanto, eu acho que ele é daqueles miúdos que faz por ele e que estuda e que trabalha. Pronto, tem uma boa capacidade de trabalho.

Entrevistador – Tem uma boa capacidade.

Professor – A nível de competências, hum... ele tem, hum... tem um bom domínio técnico. A nível de leitura e de ritmo é bom sem ser excelente, pronto. A nível de expressão musical,

hum... é um bocadinho como a [outro aluno]. Ele exprime-se melhor nas músicas que ele já conhece de ouvido.

Entrevistador – Hum hum. Sim.

Professor – Pronto. Começa a conseguir fazer também já alguma coisa nas outras músicas que ele, portanto, que não são conhecidas para ele anteriormente, que ele lê por partitura, mas é mais complicado, é mais difícil.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Hum... a nível de potencial de aprendizagem, eu acho que ele tem um potencial muito grande, porque é um miúdo que é bastante empenhado, gosta muito. É como a [outro aluno], gosta muito. E... e depois também tem a ver com o contexto familiar.

Entrevistador – Sim. Exato. Com o acompanhamento dos pais não é?

Professor – Exato.

Entrevistador – Ok. E o [aluno 11], notaste alguma alteração no comportamento, na atitude, ou no trabalho dele ultimamente?

Professor – Hum... Eu notei que ele tem muito mais facilidade a montar as peças, a ler, a ler as músicas. Hum...

Entrevistador – Porque é que achas que isso acontece? Porque dedica mais tempo ou porque consegue fazer as coisas mais depressa?

Professor – Eu acho que ele consegue fazer as coisas mais depressa.

Entrevistador – Hum hum.

Professor – Acho que ele está mais rápido a ler.

Entrevistador – Ok. Olha, e desde quando é que notaste mais esse aumento nessa capacidade de leitura? De montagem?

Professor – Hum... Nas últimas... No último mês, para aí.

Entrevistador – Hum hum. OK.

Entrevista 35

Caxias, 13 de maio de 2011

Professor de instrumento do aluno 12 [2'23'']

Entrevistador – A [aluno 12].

Professor – Hum hum.

Entrevistador - A mesma coisa: como é que a avaliarias...

Professor – (Interrompe) A [aluno 12] tem muito boa... boa destreza motora. Tem umas mãos excelentes mas não tem capacidade de concentração, não tem capacidade de trabalho, hum... a família não ajuda nada. Hum... Em casa acho que não é estimulada a trabalhar, apesar de a mãe vir sempre assistir às aulas, e eu insistir para ela vir assistir às aulas, foi bom, mas acabou por ter muito pouco aproveitamento. Eu cheguei a falar com a mãe e dizer que ou ela começa a estudar, ou eles começam a trabalhar em casa, ou então, hum... não vale a pena o esforço de ela trazer a miúda e de pagar as aulas, porque não... realmente não vai desenvolver. E ela acabou por aprender muito pouco e ela tinha muito pouca noção daquilo que ela faz, Ela tinha muito pouca noção de quanto ela está atrasada. Ela não se conseguia comparar com o colega da hora dela de uma forma... de uma forma minimamente justa. Ela achava que está ao mesmo nível do [outro aluno], enquanto que ela não conseguiu fazer bem uma música e o [outro aluno] ia na quarta ou na quinta. Portanto, eles eram colegas e ela não conseguiu ter uma posição correta, que o [outro aluno] conseguiu, apesar de eu achar que ela tem umas mãos excelentes, muito maleáveis, muito fáceis de pôr no instrumento, que o violino é um instrumento complicado onde a posição é quase tudo. Mas o trabalho com ela foi muito difícil e acho que tem a ver... tem a ver um pouco com ela, um pouco com a personalidade dela, mas também muito com aquilo que se passava em casa.

Entrevistador – Ok. Então não notaste nada, não notaste nenhuma diferença, nada.

Professor – Não, não, ela foi sempre igual.

Entrevistador – Ok. Pronto, ok. Obrigada.